O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS | QUARTA-FEIRA 14 DE NOVEMBRO DE 1888 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:743

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Visconde de S. Januario.—A lucta pela vida.—A emigração.—Exposição de vinhos em Berlim, *pelo Conde de Samodães.* O mildiw no Douro, *por Manuel Duarte G. Pestana da Silva.*—Despedida.—Noticiario.—A situação do Douro, *por Manuel Duarte G. Pestana da Silva.*—Carta de Lisboa.—Secção agricola: Chronica de outubro e factos diversos, *por F. d'Almeida e Brito.*—Secção litteraria: Um cherubim, *por Arthur Barroso*; Festa pagã, *por Guilherme Gama*; O pipo, *por Guy de Maupassant*; Acompanhando o morto, *por Frederico Urrecha.*—Parte official.—Folhetim, Ivanhoé ou o regresso do cruzado.—Correio de Lisboa.

AVEIRO

VISCONDE DE S. JANUARIO

Resignou o cargo de ministro e secretario d'estado dos negocios da guerra, o sr. visconde de S. Januario, que foi sempre correcto no seu procedimento, zelando os interesses do exercito, attendendo aos assumptos da administração militar, e servindo lealmente o seu paiz e o seu partido, sem faltar nunca ao cumprimento dos seus deveres como cidadão e como funccionario.

Ha muito que s. ex.ª ambicionava deixar a pasta, mas prendia-o a consideração, de que andando travada lucta brava contra alguns dos seus collegas, poderia a sua resolução ser tomada como um acto de fraqueza. E o visconde de S. Januario era incapaz de declinar de si responsabilidades para as alijar sobre outrem, comprehendendo que o seu posto de honra era na brecha, e conservando-se ahi até que as circumstancias lhe permittiram o poder retirar-se sem desdouro para si, nem para ninguem.

Serviu e bem, em quanto lhe disseram que era necessaria a sua presença e a sua acção, para bem do paiz, para bem do governo, e para bem do partido, de que s. ex.ª é um dos mais distinctos e dos mais prestimosos auxiliares. Sollicitou porém a sua exoneração no periodo remançoso, sem deixar responsabilidades aos seus antigos collegas, antes tendo conciliado em favor d'elles a simpathia do exercito, que é elemento de ordem, e não instrumento de facções.

Hoje, que s. ex.ª deixou a posição culminante, que muitos ambicionam, as nossas palavras exprimem apenas a muita consideração em que temos o honrado caracter do nobre visconde, traduzindo egualmente o sentimento da gratidão pelo que fez a esta terra no curto periodo da sua gerencia. No seu tempo, e a despeito dos escassos meios do orçamento, s. ex.ª não esqueceu as obras do quartel de Sá, subsidiando-as com a largueza compativel com as circumstancias. E se a vinda de cavallaria 10 se deve a Fontes Pereira de Mello, se este vulto eminente foi o primeiro a dotar aquella obra, cuja iniciativa pertence á nossa municipalidade, é certo que o illustre visconde foi o continuador d'aquella notavel fabrica, augmentando consideravelmente os subsidios, ou antes duplicando-lhos. Por isso, e como testemunho de reconhecimento, a vereação poz a uma das ruas da cidade o seu nome, exactamente aquella onde hoje se vê o grandioso edificio, com que Aveiro deve orgulhar-se.

Ao visconde de S. Januario succedeu o sr. general José Joaquim de Castro, uma das nossas notabilidades militares, que já foi ministro da guerra, e que era director da escola do exercito. Passa s. ex.ª por um caracter conspicuo, e tanto basta para ter o apoio de quantos se interessam pela causa publica.

A LUCTA PELA VIDA

E' do *Correio da Noite* de 11 o seguinte artigo:

Chegou hoje a Lisboa, depois de dois mezes de villegiatura em Carreiros, o chefe da esquerda dynastica. Ao sahir hontem da cidade invicta saudaram-no na estação do caminho de ferro os seus sessenta correligionarios do Porto e os homens bons da Regua, de Mesão Frio e de Villa Real. E ao chegar hoje a Santa Apolonia foram comprimental-o os seus fieis de Lisboa.

Ahi está na sua singeleza a estrondosa apotheose preparada pelo enthusiasmo popular ao triumphador que Deus fará!

Para affirmação de estima pessoal achamos bastante, para consagração de principios politicos e de vitalidade partidaria achamos muito pouco.

Porque o sr. Barjona de Freitas póde vir realmente muito abarrotado de brindes e de jantares em familia, de vivorios nas estações e de abraços á portinhola na carruagem; mas não nos consta que durante os dois mezes de Carreiros o grosso do partido se avolumasse com novas adhesões, e que á matricula da esquerda dynastica se tenham de apensar novas listas de patriotas dispostos a derramar a ultima gota de sangue pela restauração da liberdade em perigo.

Não se julgue, porém, que zombamos dos ingenuos da Regua, dos platonicos de Mezão-frio e muito menos dos sebastianistas de Villa Real. Tambem não queremos mal aos panegiristas do Porto e de Lisboa que descobriram no sr. Barjona de Freitas o redemptor d'este paiz. Muito menos levamos em linha de conta as dezenas de placas distribuidas aos serviçaes que se encarregaram do vivorio ao excursionista glorioso.

Todas essas demonstrações sao muito sympathicas porque representam o esforço da lucta pela vida; mas quando do meio das acclamações sáe o grito imprudente de que o novo Messias é o ultimo personagem da velha escola liberal, de que as instituições abaladas pelo encontro de todos os vicios, de todos os sophismas, de todas as corrupções, hão de ruir ámanhã, fatalmente, n'um montão de escombros, se a tempo não acudir a salval-os o braço forte do dictador de 1884, do velho companheiro de Fontes, d'aquelle augusto cezar que tomou sobre si, desde 1864 a responsabilidade de todos os escandalos, de todos os erros, de todos os esbanjamentos, de todas as vergonhas praticadas pelo partido regenerador até á morte do ultimo chefe, então o nosso dever é protestar contra a imprudencia e zorrir da fórma stulta com que os novos Dulcamaras, amesquinhando os dos outros, apregoam os seus elexires.

A lucta pela vida é um dever sagrado; mas como n'esta larga scena politica ha espaço para todos, desde o mais ferrenho tradiccionalista até aos desvairamentos do nihilismo, os jornaes do sr. Barjona podem á vontade cantar em prosa e em verso as glorias do seu chefe, sem offender a historia nem depreciar ninguem.

Mas se o não podem fazer sem injuriar o visinho, então é porque a gironda não tem razão de ser, é uma inutilidade nas circumstancias actuaes do paiz, não passa de uma phantasia que se desenhou em cerebro de amuado, embora digam o contrario os fanaticos de Carreiros e alguns pobres abbades transmontanos que em todas as manhãs de nevoeiro esperam por D. Sebastião.

Entretanto, seja bem vindo ás praias de Ulysses o glorioso *flaneur* de Carreiros.

A EMIGRAÇÃO

O governo brazileiro solicitou e obteve do poder legislativo auctorisação para introduzir no imperio quinhentos mil trabalhadores.

E' este grande tributo de braços que téem de pagar áquella nação diversos estados da Europa, e o mal-estar que se sente em todos facilitará a arrojada empreza do Brazil.

Alguns nossos collegas inquietam-se com este facto, porque temem que seja o maior o contingente de Portugal, e chegam a pedir ao governo providencias de repressão.

Votaram-se avultadas quantias para este recrutamento de conta e ordem estrangeira, diz um dos referidos collegas, e estão-se organisando novas agencias e contractando mais agentes que nas nossas villas e aldeias incitem os ambiciosos e os miseros a desertar da patria em demanda de ventura e riquezas, que parecem faceis, porque *dão nas vistas* os emigrantes que voltam ricos do Brazil, e ficam ignorados os que lá morrem de maus tratos, de fome e de doenças.

Reconhecendo, como não póde deixar de reconhecer, que o governo do Brazil está no seu direito de promover a importação de trabalhadores, o nosso collega entende que cumpre ao governo de Portugal, impedir quanto possivel a exportação de braços.

Quer que ao menos se evite a emigração promovida.

Entende que as auctoridades respectivas devem contrariar, prohibir e perseguir os engajadores.

E' complicadissimo este problema, porque a sua solução está dependente de circumstancias economicas de magnitude e da cessação das difficuldades que encontram os trabalhadores pela desegualdade manifesta entre o salario e as necessidades da vida; mas, por isso mesmo que é complicado, cumpre estudal-o bem para se proceder com madureza.

A emigração tem sido uma necessidade, e d'ella não nos téem resultado só maleficios, antes grandes bens, por isso que ella introduz annualmente no reino milhares de contos de reis. Havendo um grande excesso da importação sobre a exportação, tem valido muito na lucta com este grande desequilibrio o ouro que nos vem do Brazil em abundancia.

Não é, porém, a emigração de trabalhadores que nos produz a abundancia d'ouro. São os mancebos que se dedicam á vida commercial os que alcançam as melhores fortunas. Principalmente a lavoura produz poucos beneficios para Portugal: fallando-se com rigôr, póde dizer-se que nos é fatal, porque os trabalhadores portuguezes que se empregam nos serviços agricolas succumbem em numero enorme.

Os que chegam a aclimatar-se não recolhem á partida com meios sufficientes para viverem nas condições que ambicionavam. São muitissimos os que voltam pobres e com a saude arruinada.

Como é com os trabalhadores que se fazem os contractos, é facil reprimir a emigração sem grande damno economico para o paiz e sem um rude ataque á liberdade individual.

Os trabalhadores prestam-se a emigrar, porque os engajadores os illudem com a falsa segurança de grandes interesses e da facilidade de reunirem grandes fortunas.

Como não é essa a sorte que os espera, é um dever e uma necessidade do estado contrariar e impedir similhantes contractos.

Ainda que é palpavel, infelizmente, o mau estado das classes trabalhadoras, não é de temer a emigração das mesmas classes, não se empregando os meios de seducção dos contractadores. Não falta trabalho, e isto é um grande bem.

As nossas industrias prosperam, e são muitas as obras publicas em construcção, e outras estão projectadas.

A propria agricultura entra n'um periodo de animação.

Os nossos vinhos são muito procurados, e abre-se-lhes n'estes momentos um grande mercado.

Sem duvida que a exposição de Berlim será um grande bem para a vinicultura portugueza.

As escolas industriaes ultimamente creadas e diversas providencias que decerto o governo proporá ao poder legislativo farão desenvolver consideravelmente a nossa primeira industria.

Temos, felizmente, um ministro de acção poderosa e de grande audacia para levar a cabo o grande plano de fomento agricola.

Manifesta-se o desenvolvimento da economia publica, e são as suas salientes manifestações que principalmente tornam cada vez melhor o nosso credito nos grandes mercados monetarios.

Comtudo, devemos temer as seducções dos contractadores de braços para o Brazil.

O governo d'aquelle imperio está auctorisado a empregar grandes recursos para que os braços dos trabalhadores vão debellar a crise agricola aggravada pela completa extincção do estado servil.

Precisamos de estar, portanto, prevenidos contra as agencias de emigração, e cremos que o governo tomará providencias sensatas para impedir no nosso paiz uma terrivel crise de braços.

C. P.

EXPOSIÇÃO DE VINHOS EM BERLIM

A Sociedade de Geographia Commercial de Berlim pede-nos para darmos publicidade ao annuncio abaixo, que traduzimos, para chegar ao conhecimento de todos os nossos leitores:

Exposição de vinhos Portuguezes em Berlim

No meado do mez de outubro abrir-se-ha a exposição de vinhos portuguezes na actual bolsa de mercadorias, promovida pela Sociedade Central de Geographia Commercial. Até aqui eram conhecidos os vinhos ligeiros de Portugal importados em grandes quantidades para França, para depois de serem alli lotados, chegarem até nós muito mais caros. Por meio da exposição, que vae ter logar, será obtida a *importação directa dos vinhos* portuguezes na Allemanha, sem intervenção do commercio francez. Para que esta tentativa tenha um bom exito não só contribuiu a intervenção do governo portuguez, mas tambem a de varias associações de viticultura e dos grandes productores portuguezes; e d'este modo terão os allemães, que são interessados no negocio de vinhos, occasião de aprender a conhecer e a apreciar uma completa collecção de vinhos de Portugal. As cartas expostas vindas dos museus e associações de Portugal, os desenhos, modelos, etc., apresentarão uma imagem do conjuncto da cultura da vinha. Para dar tambem aos fabricantes allemães de imprensa, vasilhas, apparelhos de destillação, e instrumentos, occasião opportuna de travarem relações e ligações commerciaes com os expositores e visitantes da exposição, são os mesmos convidados para se fazerem representar na dita exposição.

Berlim, outubro de 1888.

W. Linkstrasse 32.

A Associação Central de Geographia Commercial para promover os interesses allemães no estrangeiro.

Vê-se este annuncio quanta importancia se liga em Berlim á exposição dos vinhos portuguezes. Tambem pela sua parte as Commissões portuguezas se esmeraram em que a exposição fosse bem preparada; não é ella tão completa como poderia ser, se o conhecimento d'este concurso não chegasse tão tarde aos viticultores, os quaes não poderam apresentar-se melhor, o que aliás podiam, se tivessem disposto de mais tempo, e não houvessem já consumido as suas colheitas de 1887.

Ainda assim as amostras enviadas darão uma ideia muito approximada do que são e valem os vinhos portuguezes, tanto os generosos como os leves. A expedição fez-se nos primeiros dias do mez de outubro, em duas remessas, d'este porto. Por Lisboa tambem se fez a expedição das amostras que lá se juntaram.

Por esta fórma as commissões promotoras terminaram as suas funcções e se desempenharam da missão que tomaram sobre si, desde que os viticultores, annuindo ao convite da Sociedade de Geographia Commercial de Berlim, as elegeram, para com o auxilio do nosso governo, promoverem esta importante exposição.

A collocação das amostras, a exposição d'ellas e todos os actos posteriores á expedição competem aos delegados, que já partiram para Berlim. As Commissões não tiveram outro encargo senão promover o concurso de expositores, e remetter os productos como lhes foram mandados, e aquelles que por meio de lotações apresentam os typos medios das regiões. Tudo quanto vae além d'isto é assumpto commercial, em que ellas não pódem intervir, porque não são sociedades commerciaes. Esperamos que esta exposição trará resultados importantes para o nosso commercio de vinhos: em breve os relatorios dos delegados nos esclacerão a este respeito, e habilitarão o governo para tomar aquellas providencias, que parecerem de molde para que um acto d'esta ordem, de muito trabalho e dispendio, se não limite a uma exposição, mas tome as proporções da abertura de um grande mercado. Os termos do annuncio, que transcrevemos, e as reflexões sobre o pensamento, que preside á exposição, e as suas consequencias commerciaes, que lêmos no jornal allemão *Export*, orgão da sociedade promotora, nos indicam que o commercio allemão se quer emancipar de intermedio do commercio francez, entabolando negociações directas com Portugal, e obtendo assim não só os vinhos, que precisa, mas tambem uma diminuição de preços, e que não podia conseguir sem uma importação directa.

Essa importação para vinhos leves não estava ainda iniciada, porque o commercio allemão se abastecia no mercado francez.

D'aqui em diante sem abandonar este, para os vinhos propriamente francezes, virá a Allemanha procurar os de Portugal, que só lhe chegavam depois de passarem pela preparação que lhe davam os francezes.

Estes continuarão a procurar os nossos vinhos, em quanto os precisarem; a Allemanha é mercado mais fixo, pelas suas condições geographicas; e em todo o caso se ella se fornecia já do vinho portuguez, passando pela França e por isso encarecido, deverá importar muito mais, quando consiga uma reducção de preços, a qual é segura. E' pois muito provavel que a exposição tenha como consequencia o alargamento do nosso commercio de vinhos; mas para que isso se consiga é indispensavel que os commerciantes se habilitem a fornecer os vinhos dos typos médios, se forem bem acceites; porque o nosso commercio, educado na escola do preparo dos vinhos alcoolisados para a Grã-Bretanha, não se tem habilitado para a exportação de outros typos; d'onde resulta que as casas francezas mandam aqui os seus agentes, ou cá os tem estabelecidos para a compra e expedição dos vinhos, que os allemães agora querem. Ora não é recorrendo directamente aos productores que se póde conseguir uma exportação importante; é só pelo intermedio do commercio que isso se obtem, e é exactamente o que se pretende e tem em mira a exposição de Berlim.

Conde de Samodães.

O MILDIW NO DOURO

E' positivo existir mais esta praga nos vinhedos do Douro. Os seus estragos tem-se sobretudo tornado sensiveis durante o mez de outubro. Reuniram-se as duas condições precisas—temperatura elevada e orvalho sobre as folhas—para que nos pontos baixos, valles e calços adjacentes ao rio e ás ribeiras, se observassem os effeitos destruidores do mildiw sobre as folhas das videiras.

Durante o verão houve alguma cousa, mas em tão pequena escala, que, attendendo ao anno, que foi excessivamente humido, e aos extraordinarios estragos produzidos pela molestia n'uma grande parte do nosso Minho, podemos e devemos ter a esperança de que, no Douro, cujo clima é extraordinariamente secco, o mal não será muito para amedrontar, devendo por isso darem aqui resultado, com pouco trabalho e despeza, os remedios que, em França, em circumstancias muito mais difficeis, ha dous annos, se estão empregando com optimo resultado para combater um parasita que, n'aquelle clima, se considerou, por algum tempo, ser uma das maiores pragas que se tem abatido sobre a vinha franceza.

Embora as condições naturaes do sólo e clima do Douro, pareçam pôl-o, até certo ponto, ao abrigo dos grandes estragos d'esta molestia, não deve, em absoluto, confiar-se em tal immunidade, o facto de só muito tarde, este anno, depois da vindima, o mildiw se ter pronunciado, bem expressivamente; n'alguns pontos, póde explicar-se talvez, por ser uma molestia no começo, e ainda não estarem sufficientemente espalhados os sporos propagadores d'este terrivel parasita.

Assim, embora esteja muito confiado, em que o mildiw, no Douro,—não digo o mesmo para o Minho—nunca virá a ser um verdadeiro flagello, entendo que todos os lavradores andarão com a prudencia indispensavel se se prepararem para, no anno proximo, empregar os tratamentos preventivos, consagrados hoje por uma larga pratica em França, e de que tive occasião de observar o benefico resultado em Bordeus.

Quasi todos os vinhedos do Medoc foram, n'este verão, tratados com a calda bordeleza de Millardet, ou com a agua celeste ou com o amonioreto de cobre.

O primeiro processo era o mais geralmente seguido, embora não seja nada inferior o resultado colhido com os dois ultimos.

O ponto porém explica-se, por ser a calda Bordeleza o primeiro remedio conhecido, e pela authoridade que em todo o Medoc, tem o illustre professor que o recommenda e fez, ha tres annos, a descoberta da efficacia do cobre para combater o mildiw.

Apesar d'estes remedios estarem muitos acreditados no Medoc, não se imagine, que todos os lavradores os empregassem. Lá, como cá ha sempre pyrronicos e descrentes e é preciso que a evidencia se venha patentear á porta d'esses taes, para se decidirem a adoptar uma innovação, que, mesmo muito preconisada, não se dão ao trabalho de ir observar um pouco longe de suas casas.

Vi pois em agosto vinhedos completamente despojados das folhas, ao lado d'outros, cuja vegetação e côr de folha não deixava nada a desejar. Escuso de accrescentar, que estes tinham recebido um tratamento, que os outros não conheceram.

O que vi e o que tenho lido sobre o resultado de tratamentos feitos, n'outros pontos de França, não me deixa a menor duvida sobre o exito da lucta que haja de tentar-se tanto no Douro, como no norte do paiz, para combater mais este inimigo da vinha.

Como o mildiw, no nosso clima, nunca apparece antes do principio de maio, e os primeiros tratamentos, embora preventivos, teem de ser feitos durante a 2.ª quinzena d'abril, ha muito tempo ainda para, em artigo especial, se publicarem as instrucções praticas por onde se devem regular os lavradores para aquelle fim.

Para já seria muito curioso que todos nos enviassem uma informação do que tenham observado este anno, não só quanto á intensidade da molestia, como ás circumstancias de tempo, local, exposição, terreno etc., em que ella se offereceu.

E como alguns socios pódem não conhecer por ventura a molestia, entendo que convirá frisar os seus signaes caracteristicos, o que lhes permittirá reconhecel-a.

Com quanto o mildiw possa encontrar-se, nas varas e no fructo, é sobretudo nas folhas, que elle produz os maiores estragos e onde é mais facil reconhecel-o.

Caracterisa-o em geral a descoloração das partes verdes da planta, por elle atacadas, e o apparecimento do seu apparelho fructifero, que sahe pelos stomatas e fórma, á superficie dos pontos invadidos, pequenos tufos microscopicos d'um branco leitoso, que, mais ou mais agglomerados, fazem o effeito, á vista desarmada, de sal muito miudo ou assucar espalhado na pagina *inferior* das folhas.

A côr branca d'estas efflorescencias distingue-as completamente dos pélos do parenchyma.

Estas efflorescencias salinas, perfeitamente caracteristicas nas folhas, não se manifestam *sempre* logo no começo da molestia. A doença denuncia-se então por pequenas manchas d'um verde ligeiramente amarellado na pagina superior da folha, manchas que não alteram a lisura da folha nem a enfulipam, como acontece com o *irineum*, o qual não deve confundir-se com o mildiw.

Aquellas manchas precedem geralmente de 48 horas as efflorescencias salinas da pagina inferior das folhas; ha exemplos porém de 8 a 10 dias de anticipação; pelo que, como aquellas manchas pódem ser devidas a outras causas, ao menor apparecimento d'alguma, convém immediatamente colher as folhas suspeitas e basta guardal-as n'um vaso onde haja humidade e calor, para que, dentro de 24 horas, as efflorescencias salinas do mildiw se produzam na pagina inferior da folha.

Aquella colloração ligeiramente amarellada das folhas torna-se amarella, passa ao castanho claro e afinal a folha fica como que crestada. Se o ataque do mildiw não é suspenso por algum vento secco as manchas ligam-se umas ás outras e dentro em 48 horas as folhas, completamente queimadas, cahem e a videira fica com os cachos expostos ao sol.

Estes parecem grelhados, não amadurecem bem e fazem um vinho detestavel. Eis em poucas linhas os topicos principaes dos caracteres physicos da molestia, o que habilitará os socios da Liga a fazerem-nos quaesquer communicações sobre o caso.

Foz, 28 de outubro de 1888.

Manuel Duarte G. Pestana da Silva.

DESPEDIDA

Do nosso respeitavel amigo e benemerito deputado da nação o sr. dr. Francisco de Castro, recebemos a seguinte despedida, que gratamente cumprimos o dever de publicar, estimando que este illustre cidadão faça uma feliz viagem, e continue a occupar com egual distincção o seu logar no parlamento.

Francisco de Castro Mattoso da Silva Côrte-Real agradece por este modo, visto que o não póde fazer pessoalmente, aos cavalheiros, que o procuraram durante o tempo que ultimamente esteve n'este districto—e a todos offerece os seus serviços em Lisboa.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Regressou já d'Espinho a Guimarães, séde da sua gerencia escolar, o muito digno sr. sub-inspector de instrucção primaria d'aquella circumscripção e nosso muito presado amigo o sr. Antonio Joaquim Vidal.

— Tem estado doente o nosso patricio e amigo o sr. José Reynaldo Rangel de Quadros Oudinot. Desejamos as suas melhoras.

— Acha-se doente na sua casa de Villarinho a ex.ma sr.ª D. Constança Couceiro, digna esposa do sr. Francisco Manuel Couceiro da Costa, abastado proprietario d'este concelho. Desejamos o prompto restabelecimento de s. ex.ª

— A esposa do nosso amigo o sr. José Pereira, Junior, soffreu ha dias uma dolorosa operação. O seu estado é ainda melindroso, mas como hontem a paciente se apresentou com alguns alivios, espera a medicina lograr salval-a, o que nós sinceramente estimamos.

— Os festeiros de S. Martinho estiveram este anno menos traquinas. Apesar de serem convocados ao correr da campa por um devoto de Baccho, as moafas não lhes deram para fazer disturbios. Limitaram-se ás pandegas nas tavernas, e não houve a pintura de cruzes pelas portas, como nos annos anteriores. Antes assim. Ao menos fizeram a festa em familia, sem encommodarem os outros.

Promoção.—O nosso prestimoso amigo, o sr. José dos Santos Neves, muito digno fiscal do governo junto da companhia real dos caminhos de ferro portuguezes do Norte, foi promovido á primeira classe, com o que muito folgamos, pois que o sr. Neves é um empregado zeloso e muito antigo no serviço.

Legados.—São tão raras as pessoas, que se lembram de contemplar a Santa Casa da Misericordia d'esta cidade, que não devemos deixar de louvar o acto generoso da ex.ma sr.ª D. Maria Rosa de Sousa Tinoco, que lhe legou um conto de reis. Esta benemerita sr.ª viveu algum tempo no logar da Costa de Vallade, d'este concelho, e era muito conhecida n'esta cidade, onde gosava muitas sympathias. Quem dá aos pobres empresta a Deus, e por isso na sua divina presença ha-de receber *o premio das suas nobres acções.*

N'outro logar damos conta do resumo do seu testamento, documento importante, para o qual chamamos a attenção dos nossos leitores.

Ao nosso amigo, o sr. dr. Manuel Nunes d'Oliveira Sobreiro, digno administrador do concelho d'Aveiro, parente da finada, e tambem seu legatario, acompanhamos com a prova da nossa condolencia.

Lyceu d'Aveiro.—Abriram-se as aulas no dia 10, recitando o discurso d'abertura o digno reitor, o nosso estimavel amigo o sr. conego arcipreste José Candido Gomes d'Oliveira Vidal, que fallou sobre a instrucção com a proficiencia, que lhe é peculiar, exortando os numerosos alumnos a estudar e a portarem-se bem, pois que de contrario terá de recorrer a meios energicos.

As matriculas ascendem a 300, e os alumnos são 130.

Audiencias geraes.—No dia 10 foi julgado o reu Catharino, d'Ilhavo, accusado pelo crime de attentado contra o pudor. Foi absolvido, por falta de provas.

Attentado.—Consta-nos que no logar de Sarrazola, freguezia de Cacia, concelho d'Aveiro, se dera um attentado revoltante, apparecendo envenenadas as couves do aido do rev. Manuel Simões, d'ali. E' a segunda vez que tal succede ao mesmo ecclesiastico. Ha já participação em juizo, onde se procede á descoberta dos malvados envenenadores.

Desastre na ria.—Na lomba do Mexilhão, entre o Muranzel e S. Jacintho, na terça-feira de manhã, uma bateira tripulada por 12 homens da Murtosa, voltou-se ao bater com o bordo em madeira cravada na ria. Consta que do sinistro ficou maltratado Salvador José da Cruz, pescador, murtoseiro, de 80 annos de edade.

Sinistro.—Ha dias de bordo de uma das fragatas, ancoradas no nosso porto, saiu um bote com dois moços tripulantes, um dos quaes teve a infelicidade de cair á agua, sumindo-se para o fundo d'onde não voltou mais. Triste sorte!

Estragos.—São consideraveis os prejuizos que o tempo e a agua tem feito na móta da nossa barra, aluindo uma grande parte d'elle, e o pinhal por consequencia tambem soffreu, secando muitos pinheiros. O mar tem feito muitos estragos no paredão.

— Na estrada municipal de S. Bento a Nariz, d'este concelho, desabou o arco da ponte da Vessada, abrindo a agua na estrada grandes rombos áquem e além do arco. A camara, vendo interrompida assim aquella importante via de communicação, providenciou logo, mandando fazer um pontão provisorio de madeira, para restabelecer a circulação, tanto de pessoas como de vehiculos.

— Na povoação da Gafanha tambem ha muitos prejuizos, com innundações, abatendo algumas habitações ruraes.

— Na ria, além de muitos estragos nos muros e vedações das marinhas, ha tambem muita perda de sal, que se achava em eiras baixas, onde a cheia o foi lamber.

— Os estragos na estrada marginal do Vouga, no antigo tunnel, são enormes. Ha ali tres aberturas grandes, onde a passagem se faz por meio de barcos, e onde os reparos se não fazem com menos de 2:500$000 reis.

— Na estrada que nos liga com a ponte da Rata e Agueda, tambem marginal do Vouga, nas proximidades de Horta, abriu-se um grande rombo que torna difficil a passagem e com o reparo do qual se ha de gastar bastante. Deve ser grande a despeza a fazer com as reparações das estradas no districto, pois que todas ellas mais ou menos soffreram com a tempestade que tão furiosamente acometteu o paiz nos ultimos dias. E muitos proprietarios terão tambem de fazer enormes despezas na reparação das suas propriedades, pois que os estragos, principalmente na ria, são enormes. Epoca assim não se lembram os mais antigos de a ter atravessado.

— Em Ovar a chuva invadiu muitas casas e tem produzido estragos consideraveis. O pavimento da egreja de Nossa Senhora da Graça está coberto de uma grande quantidade de agua.

O pharol.—Chegou ao seu termo a torre do pharol da barra d'esta cidade, com a conclusão das obras de alvenaria. Falta agora o rebôco e a cupula, que é de ferro.

Mercado de porcos.—Foi abundante o mercado de porcos gordos, hontem, na feira dos 13. O vasto campo da Vist'Alegre encheu-se de bons cevados, que apesar do dia chuvoso que esteve, metteu bastantes compradores. A carne regulou nas melhores compras por 3$200, nas peores por 3$600. Os melhores animaes que se apresentaram não subiram do preço de 45$000 reis, sendo todos os outros de menor preço, vendendo-se alguns até por 15$000 reis. Esperavam todos que este anno a carne estivesse muito mais cara, mas não succedeu assim. Alguma differença houve para mais, mar não foi sensivel.

Mercado de sardinha—*Sobe de preço este genero.* A que ha pouco se vendia por 950 e 1$000 reis está já por 1$300. E' esta a cifra a que chegou hontem no mercado d'Ovar, regulando aqui pelo mesmo preço. E continuará a subir, porque a falta de pescas tanto nas costas do norte como nas do sul, onde o tempo e o estado do mar impede toda a ordem de serviços de pesca, diminue sensivelmente os depositos e a consequencia é a elevação do preço.

Noticias de Penafiel.—Em 10.—Hontem á noite, momentos depois de ter entrado na Assembléa Penafielense, o distincto clinico sr. dr. Aureliano Cirne, dirigiu-se-lhe o sr. dr. Adriano de Sequeira, perguntando-lhe quem era o auctor de um artigo publicado na *União* e em que eram apreciados os seus meritos litterarios e scientificos. O sr. dr. Aureliano Cirne respondeu ser elle o auctor d'esse artigo e, em continente, o sr. doutor Adriano de Sequeira, aggrediu-o, dando-se uma scena de pugilato em que intervieram alguns cavalheiros presentes, separando os contendores. Consta que o sr. dr. Adriano de Sequeira, presidente da direcção da assembléa, reuniu os seus collegas para riscar do gremio d'aquella casa o socio offendido.

Noticias de Leiria.—Em 12.—Esta manhã houve trasbordação do Liz, como não ha memoria. A parte mais ameaçada da cidade foi cedo despertada pela vigilancia das auctoridades. Os prejuizos são incalculaveis por emquanto. No largo da Sé, a pharmacia Paiva e algumas casas importantes commerciaes da baixa, soffreram grandes perdas. Ha panico na maior parte da cidade. O governador civil envida esforços muito apropriados para minorar estas desgraças.

Disposições testamentarias. — Publicamos em seguida as principaes disposições testamentarias da ex.ma sr.a D. Maria Rosa de Sousa Tinoco, fallecida ultimamente em Vianna. Esta sr.a viveu aqui alguns annos na Costa de Vallade com seu primeiro marido o sr. Maia, d'ali, e casando em segundas nupcias com o sr. Tinoco, foi ali viver e lá se finou:—A suas primas Julia, Albina e Maria, filhas de D. Felicidade dos Santos Ramalde, do Porto, e com a reserva do usufructo á dita D. Felicidade, deixa a quantia de réis 3:000$000, que serão convertidos em fundos publicos. A suas primas Anna e Emilia dos Santos Ramalde, de S. Christovão de Mafamude, 1:000$000 a cada uma. A seu primo Thomaz Francisco de Oliveira, 1:000$000. A seu afilhado José, filho do sr. Manuel Nunes de Oliveira Sobreiro, de Aveiro, 2:000$000, e á esposa d'este, D. Maria Candida, um objecto de ouro do seu uso e 1:000$000. Ao seu afilhado José, filho de João Antonio Torres, de Vianna, 1:000$000. A sua afilhada Thereza, filha de Raphael Ennes-Baganha, 150$000. A José Alonso Espaim e sua esposa, do Porto, 100$000. A' sobrinha do mesmo Alonso, Maria de Jesus Pereira, do Porto, 100$000. A Laura, filha de seu primo Antonio Alves Rente, do Porto, 200$000. A cada um dos seus creados ao tempo do seu fallecimento, 50$000. A roupa branca e de seu uso será distribuida á mercê do seu testamenteiro. A' irmandade de Nossa Senhora d'Agonia, de Vianna, 500$000, com obrigação de mandar celebrar uma missa no anniversario da sua morte. Ao Asilo da Infancia Desvalida, d'aquella cidade, nas mesmas condições do legado anterior, 300$000. Ao Asilo das Meninas Orpãs e Desamparadas, d'aquella cidade, nas mesmas condições, réis 300$000. Ao Hospital de Velhas Entrevadas de N. Senhora da Caridade, d'aquella cidade, 1:000$000. A' junta de parochia da freguezia de N. Senhora de Monserrate e á confraria do SS. Sacramento, da mesma freguezia, réis 300$000 a cada uma. A's recolhidas do Recolhimento de S. Thiago, d'aquella cidade, 100$000 para serem egualmente distribuidos. A's freiras do convento de S. Bento, para ser por ellas distribuidos, 100$000. A' Santa Casa da Misericordia de Aveiro, 1:000$000. A' junta de parochia de S. Christovão de Mafamude, 5:000$000, que serão convertidos em fundos publicos. Aos pobres de S. Christovão de Mafamude, que forem cegos, velhos e entrevados, 180$000 distribuidos em esmolas de 2$000. A' Santa Casa da Misericordia, de Vianna, 7:000$000, com obrigação de, pelos rendimentos d'esta quantia, serem entregues, annualmente, 100$000 ao parocho da freguezia de Santa Maria Maior, d'aquella cidade, afim de serem distribuidos pelos pobres entrevados, cegos e aleijados, que não possam trabalhar, na rasão de 2$000 a cada um, e igual quantia e com o mesmo fim ao parocho da freguezia de N. Senhora de Monserrate. A distribuição d'estas esmolas será feita no dia do anniversario do seu fallecimento. Para serem distribuidos pelos pobres das freguezias de Santa Maria Maior e Monserrate, a quantia de 250$000, esmola que reverterá na rasão de 2$000 áquelles que forem completamente impossibilitados de trabalhar. Ao Quartel Escolastico de S. Luiz, de Braga, 500$000. Institue universal herdeiro seu marido, o sr. José Gonçalves Tinoco.

Transcripções.—São da *Soberania* de 11 as seguintes noticias:

Esteve na sexta-feira n'esta villa o sr. Francisco da Silva Ribeiro, intelligente e zeloso director das obras publicas d'este districto. O illustrado funccionario veio a este concelho em serviço, examinando algumas estradas e procurando promover o melhoramento e progresso de outras. S. ex.a regressou á noite á capital do districto.

— Já não fazemos a chronica do temporal, que não teve ainda interrupção. Hontem, de dia, e toda a noute passada, choveu tão copiosamente que vai nos nossos campos uma grande innundação. Toda a bacia do Agueda vai coberta. E' um grande lago, que se estende por essas terras fóra, defronte da villa. Algumas ruas d'Agueda estão cobertas d'agua. Os moradores só podem sahir de casa embarcados. *E como o dia está chuvoso*, teremos provavelmente ainda maior innundação.

— Hontem vinha um barco de banhistas da praia da Torreira em direcção a esta villa. Ao chegar á ponte de Angeja, o barco seguiu direcção errada e ia por um arco onde a corrente era muito violenta. O barco atravessou-se na ponte, por não poder vencer as aguas. Os banhistas viram-se perdidos e começaram a pedir soccorro, porque estiveram quasi afundados. Felizmente appareceu sobre a ponte um homem que lhes lançou uma corda, que foi a verdadeira salvação de toda aquella gente. O barco não foi ao fundo. Os passageiros não quizeram continuar viagem pelo rio e seguiram a pé para esta villa e d'aqui para as suas terras.

Ainda os vinhos do concelho de Nellas.—E' do *Commercio de Vizeu* a seguinte noticia:

Tem sido o concelho de Nellas, principalmente a freguezia de Villar Secco, tão concorrida pelos compradores de vinhos, que parece um mercado que só dura tres dias, onde ha poucos generos e muito quem os compre. Uma companhia de Paris tem mandado fazer n'este concelho compras muito importantes, pagando os vinhos por preços convidativos, comparativamente com a abundancia extraordinaria que houve; e são tantas as que teem pedido amostras que se comprarem cada uma 20:000 litros, de certo não chega o vinho do concelho para todas, não obstante haver ainda muito. As adegas pequenas estão quasi todas vendidas, e as mais importantes estão quasi todas por vender; não por falta de compradores, mas porque parte d'ellas já estão compromettidas, e os proprietarios, em attenção ao esmero com que fabricaram o vinho, desejam obter, a maior parte d'elles, o preço mais alto porque se tem vendido. Ha dias foi pedido de Berlim a alguns proprietarios do concelho, que lhe dissessem a quantidade de vinho que podiam vender, os preços medios, a estação de caminho de ferro mais proxima, e a despeza que podia fazer cada pipa desde casa do proprietario até á estação, pedindo ao mesmo tempo lhe mandassem dizer a quantidade que poderão vender os proprietarios a quem se não dirigiram por não saberem os nomes. Este pedido será curiosidade? Decerto que não. Os homens querem comprar com certeza, porque os vinhos que foram como amostras para a exposição d'aquella cidade, deram lá boa prova; e que faria se pedissem vinhos para amostras em occasião que houvesse cousa boa!

Effectivamente a maior parte dos proprietarios d'aquelle concelho costuma vender o vinho e ficar com as fundagens para despezas de suas casas; e foi d'ahi que mandaram as amostras, por não terem outro vinho na occasião em que lhe foram pedidas.

Bem vindos sejam esses compradores, que não só ajudam a comprar os vinhos d'aquella região, mas tambem se gosam de beber boas pingas.

Praia de banhos. — Trata-se de organisar, em Vianna do Castello uma importante companhia, afim de construir uma praia para banhos, ao norte d'aquella cidade.

A SITUAÇÃO DO DOURO

Terminaram as vindimas no Douro. Sem se poder affirmar que o tempo lhes corresse muito propicio, é certo que o effeito das primeiras chuvas do principio do mez, chuvas torrenciaes e de uma violencia desusada, se reduziu á perda d'algumas pipas de vinho, que houve de fabricar-se á parte com as uvas pôdres das castas mais sensiveis á humidade, como são o bastardo, tinta da mina e outras. No geral, esta perda, mesmo no Baixo Corgo, e nos sitios mais balseiros, não foi além de 4 por cento da colheita total.

Este vinho, assim fabricado, só póde servir ou para beberagem ou para queimar, e como é inteiramente separado do resto do vinho, póde affoitamente affirmar-se que a novidade do 1888 corresponde ao juizo favoravel que emittimos ha um mez antes de começarem as vindimas.

Este bom conceito é applicavel aos vinhos finos, cuja qualidade ninguem conscienciosamente poderá affirmar seja este anno inferior á dos vinhos da colheita do anno passado.

O calor intensissimo do anno de 1887 foi sobretudo proveitoso para os vinhos ordinarios dos pontos mais elevados do Douro, onde raro se tornará a colher vinho de tão superior qualidade. Nos vinhos de ribeira não aconteceu o mesmo: ahi o sol, verdadeiramente tropical, *aganou*, prematuramente, as uvas e estas estavam muito longe de offerecer a maturação completa, que, este anno, se observou nos sitios finos do Alto e Baixo Corgo e que foi o resultado d'uma sazonação lenta, gradual e progressiva.

E' possivel que haja qualquer interesse commercial em escurecer este juizo, que, antes dos vinhos serem entregues e, para muitos lavradores, antes de feitos os preços, não convirá ao geral dos compradores confessarem. A verdade, porém, sem paixão é a que acima apontamos, e a confirmação pódem dar-lh'a todos os que, nos sitios finos, poderam ter occasião de comprar a riqueza dos mostos das diversas castas com a dos similares do anno passado.

D'isto fiz experiencia directa e pessoal na quinta da Romaneira e na da Matta, uma no Alto e outra no Baixo Corgo, e em ambas a observação justifica este juizo favoravel aos vinhos finos da novidade de 1888, o que outros acharão igualmente ser perfeitamente exacto.

Quanto á quantidade, a producção nos sitios ainda bons e nos cuidadosamente tratados contra a phylloxera, foi no geral superior á do anno passado. Apezar de tudo a quantidade produzida é em absoluto limitada e deveria certamente estar toda hoje na mão dos commerciantes exportadores de vinho do Porto, se a materia prima para este vinho fosse, como é de lei e em boa fé commercial, exclusivamente do Douro.

Infelizmente não o é e, emquanto as cousas poderem continuar a correr como andam, ha de dar-se o facto, de outra sorte inexplicavel, de haver pouco vinho no Douro sem compradores que o adquiram, e uma larga exportação de vinhos... do Douro (?) pela barra do Porto.

Fallamos assim no augmento de producção, quasi geral, nas quintas cuidadosamente tratadas contra a phylloxera. E' a impressão das noticias, que chegam de differentes pontos do paiz vinhateiro.

A producção abundantissima, no Baixo Corgo, este anno, de quintas, cujo tratamento, começou com os primeiros estragos da phylloxera, e a crescente e successiva producção das quintas do Alto Corgo, cujos proprietarios em condições muito mais difficeis, se abalançaram corajosamente a luctar, quando uma grande parte dos seus vinhedos estava completamente perdida, tudo isto mostra, que o Douro, se vae reconstituindo lenta mas seguramente, e que estão completamente enganados os que pensavam apropriar-se da herança jacente do seu distinctissimo nome para com elle cobrirem e venderem os vinhos d'outras regiões e procedencias, consumando assim, pelo descredito, a ruina d'uma das maiores riquezas agricolas do mundo.

Vão os incredulos vêr, dêem-se ao incommodo de visitar as quintas das Carvalhas, no Pinhão, do sr. Miguel Guedes, a da Plumbeira do sr. Arnaldo de Sousa, as da Pulga e Romaneira do sr. José Guimarães Pestana, a da D. Rosa do sr. João de Souza Magalhães, o magnifico bacello da Barca do Castedo do sr. Albino de Souza, tudo isto entre o Pinhão e o Tuã, e hão de convencer-se, pelo estudo d'esta parte do Douro, que, se é difficil e sempre anti-economico restaurar vinhedos quasi moribundos, é extremamente facil, assegurar-se a conservação dos bons e garantir a producção das novas plantações, mesmo nos terrenos onde anteriormente se cultivou a vinha.

O Douro precisa e muito que estes factos se vulgarisem e que os homens, que dispõem de capitaes, d'intelligencia e de genio trabalhador, pensem sériamente nas vantagens que, para elles e para a região, terão a colher, se de preferencia a collocações muito mais alleatorias e arriscadas, consagrarem a sua actividade e dinheiro a restaurar por novas plantações terrenos hoje quasi sem valor e nos quaes, exclusivamente, se póde produzir a materia prima d'um vinho, na sua pureza, inimitavel, que gosa d'uma fama universal, e tem por mercado o mundo inteiro, e para o qual o unico problema, temeroso e d'importancia, consiste exclusivamente em lhe proteger o nome contra as falsificações, que o avultam no paiz e no estrangeiro.

A necessidade de attender a este problema e de o resolver legislativamente por medidas de excepção—taes como o Douro as reclama ha perto de quatro annos—ha de accentuar-se cada vez mais com este movimento de reconstituição e de vida, que se vae, aqui e acolá, manifestando por todo o Douro.

Peze a quem pezar, o Douro com a consciencia do seu direito e da sua força, não poderá continuar por muito mais tempo resignado com a sua condição actual, que, se é supportavel no presente, é cheia dos maiores perigos e calamidades n'um futuro proximo, desde que a escassez dos vinhos finos vá diminuindo pela reconstituição e aproveitamento dos terrenos devastados. E' para esta eventualidade, que carece absolutamente de prevenir-se. Tem a razão do seu lado; trabalha por um interesse de primeira ordem para si e para o paiz; não offende nem ataca os interesses legitimos de nenhuma outra classe.

Tem direito a ser attendido. Ha-de sel-o necessariamente, quando á força do seu direito poder accrescentar a força do seu poderio, e da sua influencia. E' n'esta empreza patriotica e intelligente que devem empenhar-se, congregadas, todas as forças vivas da lavoura. Qual a linha de conducta a seguir, qual o processo pratico a adoptar-se, qual o meio mais seguro e efficaz de enfeixar, n'uma só vontade, n'uma só aspiração, e n'um só esforço, as vontades, as aspirações e os esforços de todos os lavradores do Douro, parece, que hoje, já não póde isso ser o objecto de indecisão, de estudo e de tergiversação para ninguem.

Vis unitu fortior é o lemma da *Liga dos Lavradores do Douro*, que inscrevemos, ha pouco mais d'um anno, ao nascer, como divisa propria da Associação.

A Liga, que foi a aspiração de um punhado de lavradores, tem, em pouco tempo, tomado um incremento já importante, que, comquanto valioso por espontaneo, é ainda assim apenas a promessa do brilhante e incomparavel desenvolvimento que ha de ter para futuro.

A utilidade dos seus serviços quotidianos, as vantagens e os beneficios materiaes, que todos colhem em pertencer a ella, tudo isto aproxima, tudo isto une, tudo isto fortifica.

E tudo isto dará á classe dos lavradores do Douro, com o tempo, essa força de decisão, de unanimidade e de coragem, que ha de arrastar, diante de si, irresistivelmente, todos os obstaculos que o egoismo quizer erguer contra as suas reclamações justas e necessarias.

MANUEL DUARTE G. PESTANA DA SILVA.

CARTA DE LISBOA

12 DE NOVEMBRO DE 1888.

Na sessão de 10 o sr. Fernando Palha declarou que pelo seu estado de saude não podia continuar na presidencia da camara. Este facto inesperado suggeriu palavras de sentimento e de estima, aos srs. visconde de Alemquer, Simões d'Almeida, Matheus dos Santos, Gomes Neto, Augusto Cunha e Pedreira. A sessão foi encerrada, depois do sr. Fernando Palha ter agradecido a todos os seus collegas. Crê-se que a sahida de s. ex.a é devida a desintelligencia com alguns collegas sobre assumptos d'administração.

— Pouco depois das oito horas da manhã do dia 10, a rua da Procissão era sobresaltada por toques de apito e gritos de soccorro, que partiam do primeiro andar do predio n.º 30. Suicidara-se uma mulher muito conhecida em Lisboa, formosa e ainda nova—30 annos o maximo—e que morava ali ha mezes, em companhia do sr. José Teixeira Rebello Junior, empregado da alfandega. D. Beatriz Vianna se chamava a desventurada que, irradiando vida e formosura, tão cedo quiz acabar os seus dias. Pertencente a uma familia illustre e respeitavel, filha d'um honrado official de marinha, casou muito nova e teve dois filhos d'esse enlace. Depois uma serie de aventuras caprichosas veio turvar a paz domestica e os dois esposos separaram-se. E' n'este momento que começou a sua vida a tornar-se do dominio publico, tornando-se D. Beatriz uma das estrellas do *demi-monde*, para onde a fatalidade a tinha arrastado, vencendo a sua esmerada educação e a sua fina intelligencia. Nos bailes de mascaras a entrada do seu dominó chamava sempre a attenção, e d'ali a pouco formava-se um grupo cerrado em seu redor, porque realmente a sua conversação era bem animada, e, caso raro em bailes de mascaras de Lisboa, ouviam-se-lhe ditos de espirito. Mas o seu genio exaltado dava logar a que muitas vezes, a um dito mais picante, se levantassem conflictos serios. E foi essa sua quasi permanente exaltação de espirito que a arrastou ao suicidio.

No dia 9, D. Beatriz esteve no theatro da Trindade, camarote 39 de 2.ª ordem, em companhia do sr. Teixeira. No balcão estava um individuo com quem ella tivera relações intimas, antes de, ha nove mezes, ter novamente estabelecido *ménage* com o sr. Teixeira Rebello—porque elles já tinham vivido juntos, ha mais d'um anno;—esse individuo naturalmente olhou para o camarote, e d'ahi uma scena de ciumes rapida, a meia voz, que se abafou promptamente. Depois, em casa, repetiu-se a questão com um pouco de azedume, mas em breve se fizeram as pazes, fallou-se em felicidade intima, desappareceu todo o passado e pensou-se, e muito agradavelmente, só na vida de agora. No dia 10 de manhã, cerca das 8 horas, o sr. Teixeira levantou-se, vestiu-se e foi para a casa de jantar. Provavelmente alguma leve referencia ao caso do dia 9 deu causa a um amuo, e D. Beatriz ficou ainda na cama. A creada entrou na casa de jantar e perguntou ao patrão o que queria almoçar. Responderam-lhe:—«Traz-me agora um copo de agua». Teria a creada dado alguns passos, quando se ouviu uma pequena detonação, tão fraca que julgaram ser creanças que atiravam estallos na rua. Mas logo a seguir um grito afflictivo, rouco, saiu do quarto de cama: «Thereza! Thereza!—dizia D. Beatriz, já com a voz abafada». Thereza—a creada—correu immediatamente ao quarto seguida do sr. Teixeira, amparado ás muletas de que sempre precisa para caminhar. No leito, D. Beatriz, estendida, meia envolta nos lençoes e camisa aberta no peito, segurava ainda um pequeno rewolver que dispara contra o lado direito do peito. Já não podia fallar, apenas um leve arfar do seio, e um suave estremecimento de palpebras que se tinham cerrado. Gritou-se, então, chamou-se auxilio, mandou-se pedir uma maca á estação da guarda municipal da rua da Conceição, e procurou-se a toda a pressa um medico. O primeiro a apparecer—vinte minutos depois—e que veio immediatamente, foi o sr. dr. Miguel Solano; depois entrou outro seu collega. A sciencia, não teve, porém, nada a fazer; a desgraçada fallecera momentos depois de ter disparado o tiro coutra o peito. Logo aos gritos de soccorro compareceram policias, guardas municipaes e o regedor da freguezia. Depois foi ali o sr. commissario da 2.ª divisão ouvir as declarações do sr. Teixeira e da creada.

Como disse, D. Beatriz Vianna terá 30 annos o maximo. Casou de 18 annos de edade, separou-se judicialmente de seu esposo ha talvez 6 ou 7 annos, e deixa duas filhinhas, a mais velha de 11 annos, que estão a educar n'um collegio d'uma senhora ingleza. Foi com o sr. Teixeira Rebello que ella habitou n'um predio da rua da Vinha, ao deixar a casa de seu marido; depois esteve em casa de seu pae, mas por pouco tempo.

A infeliz suicida tinha, como disse, por vezes grandes excitações de espirito. Julgava lobrigar vultos pela casa, e receiava das creadas. Foi por isto que o sr. Teixeira comprou aquelle rewolver, pequeno, que estava embrulhado em camurça dentro do estojo. Tinha-o guardado dentro da gaveta da meza de cabeceira. Tinha meios de fortuna; o predio aonde morava pertencia-lhe. A creada Thereza vae ser ouvida novamente no commissariado da 2.ª divisão policial.

— Ainda outro que um collega nosso do dia 10 narra do seguinte modo:

Mal tinhamos concluido as ultimas linhas, e tendo ainda gravada na retina a imagem da morta Beatriz, chegou-nos a noticia de outro suicidio. Trocámos a pena pelo lapis e partimos para a rua do Duque da Terceira. Era infelizmente verdade. No 3.º andar, lado esquerdo, do predio n.º 13 d'aquella rua, pozera termo á vida o major de infanteria, reformado, Augusto Carlos Celestino Soares, natural de Lisboa e edade 68 annos. Quando chegámos, já ali se achavam alguns policias e o dr. Miguel Pinto Costa Coelho de Araujo, que verificou o obito. Guiados por alguem de casa, atravessámos um corredor extenso. N'uma sala á direita, um grupo de senhoras, consternadas, conversavam com pessoas de familia. Passámos discretamente. Ao fundo d'um corredor, além d'um quarto pequeno de passagem, abria-se pela direita a porta de um outro, o do suicida. E' uma alcova ampla, desafogada, com duas janellas para a rua, alizares brancos, de muita luz, fresca, tecto estucado, paredes forradas a papel claro, salpicado de ramos de flores, mobilia ligeira, quasi nova, toilette e lavatorio de pedra, dois moveis carregados de livros, relogio, objectos miudos, leito inglez de mogno, um guarda roupa, uma commoda, uma meza coberta com panno vermelho carregada de livros, dois bronzes elegantes, uma gravura fronteira ao leito—em summa, um aposento confortavel, *proprio*, de aceio extremo,

Na cama desmanchada, com duas almofadas, desenhava-se ainda a depressão deixada por um corpo. Tudo o mais em ordem.

Ao fundo, entre a mesa de pé de gallo e a janella, voltada de costas para esta, via-se uma cadeira de braços, assento de tabua, e estendido sobre ella o cadaver—as pernas naturalmente traçadas, cabeça descahida para traz, fortemente apoiada na travessa da cadeira, os braços prolongados com o corpo, apertando nas mãos as coronhas de dois rewolveres postos por acaso em cruz. A morte deve ter sido instantanea e produzida apenas por um tiro desfechado no ouvido direito. O morto estava em ceroulas e camisa, com os pés calçados de meias brancas, de linha. Um longo listrão de sangue, já coalhado, seguia desde a orelha direita, pelo psscoço e peito até ao ventre; a camisa entreaberta deixava ver uma comisolla de flanella creme toda ensopada em sangue; na manga esquerda outras manchas descoradas, bem como na mão. O sangue brotara em abundancia do ferimento feito pela bala, que deve ter ficado alojada no craneo, no ouvido esquerdo e do nariz. Tinha as palpebras semiabertas, as pupillas fixas, vitreas, n'uma expressão serena, a bocca escancarada, meia encoberta pelos cabellos do bigode grisalho, descaido, e em que se penduravam algumas gotas de sangue. Tinha a fronte ampla, meio calva, cabellos grisalhos, compridos, barba por fazer, sobr'olhos negros, fartos, faces encovadas e tez pallida. Em baixo, alastrava-se uma enorme poça de sangue ainda vivo, e debaixo da cadeira uma outra do que escorrera do rebordo do assento.

Ao alcance da mão e collocado sobre a meza redonda, em cima d'uma brochura das obras de Shakespeare, via-se um estojo, forrado de *chagrin*, e aberto, contendo duas photographias, tiradas ha 9 annos—a do suicida e a de sua esposa, já fallecida. Esses nove annos decorridos envelheceram-o: representa um homem de pouco mais ou menos 45 annos. O outro retrato mostra uma senhora ainda nova, fronte ampla, olhos rasgados, expressivos e de physionomia sympathica. Dir-se-ia que o allucinado velho, no derradeiro momento quizera dedicar-lhe o seu ultimo olhar.

O major Celestino Soares era irmão do coronel reformado de cavallaria, sr. Antonio Ernesto Celestino Soares, a quem devemos as notas que se seguem: Viviam juntos de ha muitos annos e eram amigos inseparaveis. Seu irmão nunca dera indicios de alientação mental. Suppunha soffrer de uma lesão, o que o trazia apprehensivo, e ultimamente tinha um padecimento de bexiga, sendo tratado pelo dr. Sousa Martins, que, na sua visita de ha dias, prometteu voltar na proxima segunda-feira. Hontem conservou-se tranquillo, jantou á hora do castume e deitou-se tarde, mas não dormiu, torturado por grandes dores de rins. Hoje de manhã o coronel entrou no quarto do irmão, seriam 10 horas, levando pela mão o neto, um pequenito de 5 annos, «muito amigo do titio», como elle mesmo me disse no seu papaguear infantil. Conversaram por alguns momentos serenamente, e por fim o major pediu-lhe que se retirasse, porque não dormira em toda a noite e desejava conciliar o somno. O irmão assim o fez e retirou-se com o pequeno para a casa de jantar, no outro extremo da casa. Era meio dia e meia hora quando uma criada, entrando na alcova, encontrou o triste espectaculo. A familia, alarmada pelos seus gritos, correu ao quarto; mas já o desgraçado estava morto. Ninguem ouviu a detonação do rewolver, facto que realmente nos surprehende e não comprehendemos, sendo a casa pequena. Um creado do andar inferior sahiu a chamar o medico, mas este chegou tarde.

Junto da cama, lado esquerdo, sobre a mezinha de cabeceira notamos, dentro de um copo, um frasco com o seguinte rotulo «*Oleo anti hemorrhoidal*», e ao lade o romance de Hector Molot, *Paulette*, marcado na pagina 104 por uma caixa vazia, de oculos, de folha. O major Celestino Soares era muito illustrado e dedicava-se principalmente á leitura de medicina.

— O mesmo jornal conta ainda o seguinte caso:

Suspeitas de crime.—Sob esta epigraphe temos contado um caso mais ou menos envolvido em mysterio, mysterio que já hoje desvendaremos. Tratava-se, effectivamente, de um crime de roubo. Contemos o facto: Antonio Filippe de Mello esteve, muito tempo, em Africa com a sua amante Anna Adelaide de Oliveira. Por lá viveram não se sabe como, regressando depois a Lisboa, onde tomaram de trespasse uma estalagem no becco do Barbadella á Mouraria. Mais tarde levantaram barraca e foram viver para Abrantes, onde travaram relações com Maria da Conceição, da aldeia de S. Miguel, freguezia do Rocio d'aquella villa, com quem mais tarde viveram. Com artimanhas, foram a *pouco e pouco* conquistando a amisade da mulher—que possuia bens de fortuna—a ponto de a trazerem para Lisboa. Já quando aqui chegou vinha doente, tendo de ser recolhida ao hospital de S. José, onde falleceu no dia 31 do mez passado. Suppõe-se que fora envenenada. Sobre este facto nada se pode averiguar, visto a infeliz ter sido sepultada na valla commum não se lhe podendo, portanto, fazer a autopsia. O crime de roubo julgamos estar provado. Além d'outros objectos de valor, os dois roubaram-lhe por uma vez, 25 libras, e por outra 100$000 réis, que lhe foram apanhados. Além d'ouro, roupas e outros objectos, a infeliz tinha uma porção de lettras, que não appareceram, nas mãos de um proprietario do Rocio d'Abrantes.

— Do mesmo jornal é ainda o seguinte:

O crime da rua do Ouro.—Levados pela curiosidade e a fim de informarmos os nossos leitores, fomos hoje á cadeia do Limoeiro onde tratamos de saber do *Varino*, esse infeliz que tanto tem impressionado—se bem que tristemente—a opinião publica. Manuel de Pinho, que ao escrivão do Limoeiro disse alcunhar-se o *Gago*, está na prisão n.º 2, com mais 32 presos, figuras repellentes e baixos, conhecidos heroes do crime e da vadiagem. Quando o revistaram, foi-lhe encontrado apenas o *porta-monnai*, com uma libra em oiro, e a chave da casa que habitava. Mostrou desejos de ir para a prisão 7—quem sabe, talvez já lá tivesse estado—pois queria ver melhor os parentes e mesmo o sr. juiz lhe dissera que era por pouco tempo. Parece muito preoccupado, repetindo, de vez em quando, talvez dominado pela excitação nervosa: As mulheres... as mulheres... Pediu que lhe dessem um caldo e carne. Comeu, e depois disse:

— O mal fil-o eu, e eu que o hei de pagar!

Manuel José do Pinho o *Gago* voltou hoje, ás 3 e meia da tarde, ao tribunal onde foi novamente interrogado pelo sr. dr. Firmino Lopes. O *Gago* conserva a mesma attitude e repete as respostas incoherentes que já deu no 1.º interrogatorio. De manhã foram tomadas declarações á mãe e á viuva do fallecido.

— Foi auctorisada a transformação em via larga do caminho de ferro de Coimbra a Arganil.

— Tem diminuido bastante o rendimento do imposto sobre as loterias estrangeiras.

— A Sociedade de Geographia approvou o projecto d'um grande congresso de instrucção publica, em Lisboa.

— Foi louvado o inspector das escolas industriaes da circumscripção do sul, sr. Francisco da Fonseca Benevides, pelo zelo que tem mostrado no desempenho do seu cargo.

— Os trabalhadores das obras do porto do Funchal encontraram nas proximidades do ilheu da fortaleza um extenso jazigo de magnificas ostras, o que é importante.

Y.

SECÇÃO AGRICOLA

CRONICA DE OUTUBRO E FACTOS DIVERSOS

O EMPREGO DO ACIDO CARBONICO LIQUIDO NO TRATAMENTO DOS VINHOS.—Encontramos n'um jornal italiano o resumo d'um artigo d'um outro jornal austriaco, em que o professor Reitlechner aconselha applicar ao vinho o acido carbonico liquido, que o commercio prepara, ha tempo, para empregar quasi que exclusivamente no fabrico da cerveja.

Alguns vinhos, pobres em extracto secco, em consequencia de frequentes trasfegas e pela acção do calor, perdem grande parte do acido carbonico que naturalmente conteem, e que contribue para lhes dar frescura e gosto agradavel. Estes vinhos ficam então insipidos e fracos.

Alguns vinicultores costumam, para melhorar estes vinhos, ou lotal-os com vinhos novos, ou fazel-os fermentar novamente juntando-lhes mosto, assucar de uvas ou vinho novo.

A indicação do professor austriaco vem substituir estes methodos pelo addicionamento do acido carbonico puro ao vinho que se deseja tratar.

Este acido carbonico puro encontra-se á venda em Vienna d'Austria, em garrafas de 11 litros pouco mais ou menos, no estado liquido.

Uma d'estas garrafas, diz o professor Reitlechner, fornece 5:000 litros de gaz acido carbonico, que premitte saturar 25 a 30 hectolitros de vinho.

Mas este tratamento não póde effectuar-se fazendo passar directamente o acido carbonico para dentro do tonel ou pipa de vinho; é preciso collocar entre a garrafa e a pipa uma caldeira com um manometro e valvula de segurança, que se põe em communicação por meio de tubos.

D'este modo póde introduzir-se n'um vinho a quantidade de acido carbonico que se queira, sendo tambem muito facil, por este processo, a preparação dos vinhos espumosos.

ESTAÇÕES ŒNOTECHNICAS HESPANHOLAS.—O governo hespanhol acaba de publicar um decreto creando tres estações œnotechnicas em Paris, Londres e Hamburgo. As principaes attribuições d'estes estabelecimentos são: analysar os vinhos hespanhoes á chegada, estudar as doenças ou accidentes que os mesmos vinhos tenham contrahido em viagem e os meios de as remediar, procurar os typos preferidos pelos consumidores e aconselhar aos productores o melhor meio de os fabricar, preparar, lotar, conservar, etc. Além d'isso, os directores d'estas estações enviarão semanalmente ao governo hespanhol um boletim que será logo publicado na folha official, e prestarão todos os esclarecimentos que lhes forem pedidos pelos commerciantes e exportadores de Hespanha.

Com esta providencia julgamos que os viticultores nossos visinhos terão muito a lucrar.

Nós, em quasi todos os numeros temos aqui fallado na necessidade de crear no estrangeiro depositos ou armazens de venda de vinhos portuguezes, necessidade tanto mais instante, que todas as nações vinicolas redobram de esforços para collocar as suas producções em mercados de consumo directo. E as estações œnotechnicas, quer aquelles armazens ou depositos sejam d'uma companhia, de negociantes ou do estado, são um complemento indispensavel d'estas agencias de propaganda vinicola.

CONCURSO DE CEPAS AMERICANA.—A junta geral do districto de Santarem votou, ha-de haver 3 para 4 annos, uma verba destinada a premiar os tres viticultores do districto que mais se distinguissem na cultura e multiplicação das cepas americanas.

Tres premios foram instituidos: um de 150$000 reis, outro de 100$000 reis, e um terceiro de 50$000 reis, para serem adjudicados, por ordem de merecimentos, aos tres mais distinctos americanistas do districto.

Só este anno aquella corporação administrativa resolveu effectuar o concurso, tendo a commisão executiva delegada da junta geral officiado á direcção geral de agricultura, a fim d'esta constituir um jury que apreciasse o merecimento das plantações concorrentes e destribuisse os premios.

Do modo como este jury funccionou e do relatorio dos seus trabalhos nada por emquanto sabemos; constanos apenas, que o primeiro premio foi adjudicado ao nosso excellente amigo o sr. Antonio de Sousa Alvim, proprietario da Quinta da Motta, em Villa Nova de Ourem.

Este distincto e illustre viticultor, desde que a phylloxera entrou nas suas magnificas plantações, começou logo a cultivar as cepas americanas, dando-lhe um crescente e maior desenvolvimento depois que percebeu, por experiencia propria, que os seus terrenos eram dos menos apropriados para as applicações do sulfureto de carbonio; de modo que o sr. Sousa Alvim é hoje um dos proprietarios portuguezes que tem mais e melhores cepas resistentes e dos que mais conhecem o valor de cada variedade porque as estuda e cultiva ha bastante tempo.

Creio que foi em 1886 a ultima vez que tivemos o prazer de estar na Quinta da Motta, onde os visitantes são recebidos com uma franqueza fidalga, que encanta todos os que lá vão; e já por esse tempo os viveiros d'esta importante propriedade eram dos melhores do paiz, abundantes nas castas de maior valor, e cheios de exemplares e experiencias de enxertia. Havia já tambem inicio d'uma grande replantação em terreno de vinha europêa devastada pela phylloxera.

Hoje não sabemos o desenvolvimento que tem tido ali a cultura da vinha resistente, mas é de crer que occupe já extensões consideraveis.

Certamente que o jury premiando o sr. Sousa Alvim, premiou um dos caracteres mais dignos e um dos viticultores mais illustrados do nosso paiz.

F. d'Almeida e Brito.

SECÇÃO LITTERARIA

UM CHERUBIM

EUGÉNE SEYMUR

Ella veio toda gentil e cuidadosa fallar ao papá. Elle estava absorto em qualquer pensamento porque a não presentiu. Adiantou-se e tocou-lhe levemente no braço. O homem ainda moço que vimos sentado estremeceu, como alguem que despertam bruscamente. Os seus olhos viam diante o seu idolo; a sua predilecta Emilinha, toda contente, toda amavel.

— Que queres tu, minha filha?

Ella, timidamente:

— Eu queria... queria que o papá me désse um beijo.

— Porque não, meu anjinho, só isso? e tomou-a nos braços, osculando-a com amor.

— Agora, papá, disse ella cerrando os olhos, diz-me uma coisa: tu deves gostar muito da tua menina, não é verdade? a mamã não está cá, está no ceu... E soltando-se dos braços paternos correu a contemplar as regiões sideraes da janella, que estava aberta.

— Quando voltará lá de cima? O papá sabe? Está com Deus ha tanto tempo... parece que já não gosta de nós!

O inconsolavel mancebo, sentindo não poder responder-lhe, beijou-a outra vez e muitas, queimando-lhe as faces as lagrimas ardentes, que corriam por ellas e uma d'essas lagrimas rolou pela face da pequenita.

— Porque choras? Fiz-te mal? A mamã foi másinha em nos ter deixado, não foi?

Mas n'este momento, tal como o desolado pae desejava, corta o dialogo a mestra da pequenita, que vem buscal-a para irem dar um passeio.

— Vae, filhinha, vae com muito juizo para que a mamã te venha ver, senão, zanga-se comtigo.

Mais consolada por estas palavras, ella foi por a mão d'aquella que a viera buscar e sairam ambas.

Raul ficou só, e talvez sem querer, o pensamento fugiu-lhe para a felicidade que perdera.

Havia cerca de cinco annos que desposára uma encantadora menina, que á formosura reunia a mais correcta gentileza, porém, tinha um defeito unico e irremediavel, padecia d'uma anemia atroz. Seu esposo, medico distincto, pensára que a força de mil cuidados, d'um affecto extremosissimo, havia de conseguir possuil-a muitos annos em seu convivio, pela sua sollicitude.

Quanto esforço perdido! Morreu de parto ao dar á luz essa galante creancinha, que vimos ainda agora.

Raul ficou como louco, se realmente o não estava, mas em um momento de lucidez comprehendeu que devia viver para a sua Emilinha e resignou-se, coitado, a suportar o golpe lancinante, que o ferira no mais intimo dos seus affectos.

Para mitigar um pouco essa dôr, que lhe atrophiava o espirito, exercia a sua clinica com fervorosa dedicação, prodigalisando-a aos pobres, trabalhando muito em favor d'elles.

Mas ha um tempo a esta parte andava mais triste, mais apprehensivo, porque essa filha que elle adorava, precioso brinde de sua esposa, começava a inquietal-o; entristecera, perdera a natural vivacidade de creança, as suas côres rosadas, e ia muitas vezes para a janella, horas esquecidas, contemplar o ceu azul, esperando pela mãe! Oh! Deus do ceu!

O pobre pae, ainda mais torturado por estes prenuncios d'uma enfermidade séria, elle já de si tão melancolico, pensou—o que ha de pensar um pae em transe tão doloroso?—que se lhe comprasse alguns dos tentadores brinquedos, expostos nas *vitrines* dos *boulevards* e que ella tanto admirava quando saía a passeio, conseguiria distrail-a um pouco. Assim fez.

Era na vespera do Natal. Raul poz o chapeu e saiu. A' volta encontrou na escada uma joven vestida de preto, elle cumprimentou-a e ella correspondeu, córando. Era uma sympathica rapariga, muito interessante. Já havia mezes que Raul a conhecia, porque fôra chamado para tratar de sua mãe, que elle não pôde salvar. A pobre mulher morreu, deixando no mundo essa orphã, á qual só valia a educação que recebeu em pequena. Ganhava os meios de subsistencia, dando lições de piano.

Quando Raul entrou no quarto da Emilinha, estava ella ainda deitada,

— Não sabes, minha filha, venho dar-te uma grande novidade! A'manhã é dia de Natal e o Menino Jesus acaba de mandar-te coisas muito bonitas, queres ver?

— Sim, papásinho, exulta a pequenita, levantando-se de repente e batendo as mãos contentinha.

— Aqui tens.

E Raul começou a pôr sobre a colcha alvissima do leito um grande numero de bonitos com que vinha carregado. Ella olhou primeiro maravilhada, parecia embevecida na contemplação dos brinquedos, depois pegou em uma boneca que o pae lhe apresentava, mas repelliu-a logo e poz-se a chorar.

— Que tens, meu anjinho? Porque choras? pergunta Raul vendo o pesar da creança.

Não disse nada. Passou-lhe as pequeninas mãos á volta da cabeça e timida e receiosa segredou-lhe muito baixinho ao ouvido estas palavras:

— Queria ver a mamã!

— Oh! meu Deus! queres o impossivel, minha filha! Não me apoquentes, pede uma coisa que te possa dar.

— Então se ella não quizer vir irei eu lá acima, replicou risonha, deixando cair a cabecita no travesseiro. Deixe, não é verdade?

Raul não podia tanto. Era demais. Saiu para alliviar a commoção que o tomava. Toda a noite o ouviram andar febrilmente no quarto.

Na manhã seguinte quando veio ver a filha encontrou-a doente, muito nervosa, oito dias depois ainda não estava curada; a doença progredia.

Uma tarde Raul foi bater á porta do quarto andar do predio em que morava. Veio abrir uma rapariga vestida de preto, aquella que elle encontrára na escada na vespera do Natal.

A' vista do varonil aspecto do mancebo, as suas faces pallidas purpurearam-se. Raul que a olhava attentamente e como admirado de a ver tão bella, notou esse rubor.

Entrou e fechou a porta.

Que se passou entre elles? Que palavras se trocaram? Nunca se soube, o que é certo é que, quando desceu, o mancebo vinha radiante.

Durante varios dias alguma coisa de anormal reinava em sua casa.

Uma bella manhã Raul entrou no quarto da Emilinha, trazendo pela mão uma mulher.

— Como a Mãe Santissima é nossa amiga. Olha, aqui tens a mamã!

Mathilde adiantou-se, tomou a pequenita nos braços acariciando-a muito n'aquelles transportes de amor de mãe, ainda que adoptiva.

— Minha lindinha, aqui estou para nunca mais te deixar.

— Oh! minha rica mamãsinha, eu bem sabia que tu havias de vir! Por que te demoraste tanto? dizia a pequenita com uma ingenuidade sincera.

Epilogo grandioso.

Emilia está hoje curada, e Raul, que julgára já morto o seu coração, sente renascer n'elle um outro amor.

Arthur Barroso.

FESTA PAGÃ

Um canto da natureza, onde nunca vira ninguem e onde gosto de convencer-me de que nunca ninguem entrara: são oito ou dez arvores enormes, carvalhos, uma tilia, dois olmeiros e, á beira d'agua, encobrindo d'essa parte o meu oasis, salgueiraes vastos, amieiros e um tranco velho, derrubado, que serve para as rãs do sitio se empoleirarem ao sol: retalho da immensa propriedade episcopal que, como hoje s. ex.ª, o senhor bispo, se não regala em quintas, jaz ao abandono e cae em pedaços—os mirantes, a casa, a capella, o palheiro, as portas abertas com sua cruz em cima e o seu chapeu de borlas.

Fui o Christovão Colombo d'esse pequeno mundo, onde apenas vive um melro alegre, um punhado de abelhas, um lilazeiro que algum insecto semeou, e uma veia d'agua que, do norte, chega da terra conhecida, derivando em zig-zag e cantarolando até ao rio.

Apraz-me recordar aos meus sentidos, quando ás occultas penetro n'esse pequeno canto virginal e meu, que elle não vem nem no mappa do sr. Queiroz, nem na corographia, nem em cousa alguma do outro mundo; que ali não se falla politica, nem se colhe milho, nem se plantam batatas, nem os governos do rei teem que fazer nem que cheirar ali.

Aquillo é nosso, só e exclusivamente nosso, isto é—meu, do melro, das abelhas, do lilazeiro e de mais ninguem.

Quando eu, nas minhas afamadas descobertas, penetrei, n'uma manhã de verão, pela primeira vez no sitio, a estes amigos caiu-lhes o coração aos pés. O melro começou a descer a arvore em que mora, ramo a ramo, irritado feroz, gritando, com as azas estendidas e o bico aberto contra mim; as abelhas reuniram-se logo e deram-me tremenda batalha; e o lilazeiro começou a desfolhar-se que, moralmente, era o mesmo que se me atirasse com os seus lilazes á cara! Mas não cedi. Puz deante de mim heroicas façanhas, feitos illustres, lendarias descobertas, as florestas virgens, os selvagens, as settas envenenadas, e fiquei. E como elles vissem dentro em pouco que eu era um pobre rapaz alegre como o melro, e que só assobiava e fumava horas para ali, esquecido, de pança para o ar, começaram a achar-me graça, a affeiçoarem-se, a gostarem da minha sociedade. De sorte que, hoje, o melro, mal me vê, vem saltando alegre até cá abaixo e, empoleirado, assobia-me; as abelhas, não obstante acharem-me um poucochito malandro, quando passam junto a mim, na azafama do seu trabalho, abaixam-me delicadamente a cabeça; e o lilazeiro dá-me sempre o seu melhor lilaz para a casa do meu veston. Que mais quero?

Em paga conto-lhes contos azues; toco-lhes Chopin, no violino; assobio ao melro trechos de maliciosas operetas, fallo-lhes na filha do cirurgião que, cá para mim, é a filha de cirurgião mais graciosa e fresca que existe lá por fóra, n'esse ás vezes bem triste mundo sublunar! e como dizem que a variedade deleita, tambem fazemos a nossa migalha de má lingua, e lá vae o que diz o regedor e o taberneiro a respeito das eleições da junta; os beijos que as raparigas deixam roubar, pelos atalhos, ao vir da fonte á noitinha; e a tal proposito contei-lhes no outro dia—o que fez rir muito o melro—que abbade, um engelhado velhinho todo innocencia a candura, assevera e diz que, quanto a elle, a inchação da barriga da Annica do Fazendeiro foi obra do diabo, meredianо que anda ás soltas pelas horas da sésta. Pobre pequena! Então!

Assim vivo aqui, feliz, esquecido, separado de tudo. Mas imaginae o que me é necessario fazer para que mais ninguem saiba, n'este mundo, as delicias que aquillo esconde. Ainda ha bem pouco—que susto!—vi passar por traz dos ramos, no rio, um rapaz pintor, alma de artista, com os olhos cheios de luz e a cabeça no ar a farejar paysagens! Tenho receios, medos, estremecimentos ciumosos; engano, finjo-me de novas, digo petas! Oh! quantas vezes o meu coração se aperta no pensamanto que poderei muito bem lá encontrar, dia, algum, marau, muito estendido, a comer laranjas, e a rever-se nos olhos castanhos claros de alguma costureira galante! Por Deus!...

Vou devagar, cauteloso, fingindo-me sem destino, a olhar as arvores, trauteando, e só affasto os primeiros ramos e entro depois de me certificar que homem algum me observa. Quem me visse julgaria que eu ia commetter um grande crime. O cirurgião, que é fallador e gosta de tagarellar comigo, anda sempre a dizer-me:

— Homem! você aonde diacho se mette! Vá por lá fazer musica com a pequena.

E o regedor:

— Você tem por ahi historia!? Ora ande lá.

E eu, moita.

Ai! se elles soubessem do meu eden, tinhamos jantarola com certeza—arroz de forno, leitão, frangos assados, muito vinho, e salpicão com ovos. Depois ossos e papeis besuntados pelo chão. Pobre melro! pobres amigos! Que profanação! que heresia! mas eu os defenderei, companheiros, com estratagemas famosos, como os do grego na defensão de Siracusa Então verme-heis, á noite, de lençol branco, uma luz mortiço na mão, umas folhetas velhas, alma que anda em fadario, dando vozes gatturaes e soturnas de pôr todos os cabellos em pé.—Olá! sou eu, não tenhaes medo.

Mas, por Jupiter! se tal profanação se acha escripta no livro do destino—amigos meus, ás armas! Combateremos então até ao ultimo cartucho e tal resistencia opporemos ao barbaro inimigo, que o sol parará no ceu azul, pasmado de tão grande coragem.

*

Assim lancei, um dia, a bella proclamação guerreira, confiando no forte bico do melro e no duro ferrão das abelhas, porque ai! nos tempos que vão correndo, que póde fazel-o lilazeiro com os seus discursos moraes? E deitado de pança para o ar, fumava, emquanto deante dos olhos do meu espirito passavas tu, ó doce rapariga que eu adoro, tu e todos os teus amorosos favores e todas as tuas divinas perfeições.

Uma rã tomava sol sobre o velho tronco derrubado; o melro almoçava, callado, entre a folhagem; as abelhas iam e vinham, zumbindo no seu incessante trabalho, quando os ramos lá do fundo se affastam brandamente...

— A's armas! meus amigos.

E nos deixam ver um gracioso par.

Elle dá-lhe a mão para que ella não caia; desvia o ramo teimoso para que a não moleste; sorriem-se e entram por ali dentro como por terra amiga e muito d'elles.

A filha do cirurgião! olá!

Todos olhamos.

O côr de rosa do vestido leve mais lhe realçava a brancura diaphana do rosto, e vinha medrosa como corsa que se refugiasse ali á perseguição de caçador.

— A's armas! companheiros. O inimigo...

E cheios d'essa engraçada timidez que dá a frescura aos amores, sentaram-se junto um do outro a dizer coisas... que coisas! que bujiarias celestes! que tolices geniaes!... eglogas n'uma palavra, cançonetas n'uma só syllaba, juras eternas... e por fim ella limpou uma lagrima. Depois ouviu-se um beijo, novas juras, outro beijo, e veiu outra bella lagrima á baila...

Todo o meu mundo estava enternecido e boquiaberto. O espectaculo era encantador!—Amar! amar! dizia a veia d'agua corrente.—Ai! a juventude em flor... cantava o melro. E eu de todo enlevado não sei como tive forças para murmurar ainda—ás armas! a proclamação!...

Mas ai! qual de nós teria força para pelejar batalha?!

O amor! o amor!

Elles beijavam-se. O melro gorgeava, em surdina, *a sua juventude em flôr*. As abelhas introduziam-se mais no coração das campanulas; o lilazeiro desfolhava os seus lilazes, meigamente, como se os deixasse cahir sobre duas cabeças amorosas; e eu tinha nos labios, perfumados a mel do Hymeto, o cantico nupcial do poeta Catullo:

Vesper, adest, Javanes...

Guilherme Gama.

O PIPO

Mestre Chicot, estalajadeiro em Epreville, fez parar o seu tilbury diante da herdade da tia Magloire. Era um homemsarrão de quarenta annos, vermelho e barrigudo, que passava por malicioso.

Prendeu o cavallo ao poste da barreira, depois entrou no pateo. Tinha umas fazenditas ao pé das terras da velha, terras que elle ha muito cobiçava. Vinte vezes tentara compral-as, mas tia Magloire recusava-se obstinadamente a vendel-as.

— Aqui nasci, aqui heide morrer, dizia ella.

Encontrou-a descascando batatas á porta de casa. De idade de setenta e dois annos, estava já secca, cheia de rugas, curvada, mas infatigavel como uma rapariga. Chicot deu-lhe amigavelmente uma pancadinha nas costas, depois assentou-se ao pé d'ella n'um banco.

— Então como vae a saude, vae boa, tia, Magloire?

— Menos mal, e vocemecê, mestre Prospero?

— Oh! oh! Umas dôrsitas, a não ser isso, vou admiravelmente.

— Ainda bem!

E não disse mais nada. Chicot olhava para ella e via-a trabalhar. Os seus dedos adunco, nodosos, duros como pernas de caranguejo, tiravam como tenazes os tuberculos pardacentos d'uma canastra, e fazia-os girar com rapidez, tirando-lhe a casca com a lamina d'uma faca velha, que tinha na outra mão. E quando a batata ficava descascada, atirava-a para um balde d'agua. Vinham tres galinhas atrevidas umas atraz das outras, apanhar as cascas, depois safavam-se á desfilada levando o roubo no bico.

Chicot parecia contrafeito, hesitante, ancioso, parecia ter alguma cousa debaixo da lingua, que não queria sair. Finalmente, decidiu-se:

— Olhe lá, tia Magloire...

— O que deseja?

— Vocemecê continúa a não me querer vender esta herdade?

— Lá isso não Não conte com semelhante cousa. Está dito e redito, não me falle mais n'isso.

— E' que eu achei um meio de remediar tudo.

— O que é?

— E' o seguinte. Você vende-me a herdade, e continua vivendo n'ella. Não percebo? Ora siga o meu raciocinio.

A velha deixou de descascar as suas batatas e fitou no estalajadeiro os seus olhos vivos por baixo das suas palpebras encarquilhadas.

Tornou elle:

— Eu me explico. Dou-lhe todos os mezes cento e cincoenta francos. Trago-lhe todos os mezes aqui com o meu tilbury, trinta escudos de cem francos. E nada se muda, fica tudo na mesma; vocemecê fica na sua casa; não seimporte comigo; não me deve nada. Não tem mais que receber o meu dinheiro. Convem-lhe?

Olhava para ella com um ar alegre, com um ar de bom humor. A velha observou-o com desconfiança, procurando a armadilha. Perguntou:

— Isso é emquanto a mim; mas lá emquanto a vocemecê?

Replicou elle:

— Deixe correr o marfim. Residirá aqui emquanto o bom Deus a deixar viver. Está na sua casa. Tem apenas que me fazer um papelito no tabellião para que de pois da sua morte isto fique sendo meu. Vocemecê não tem filhos, tem apenas uns sobrinhos com quem se não importa. Convem-lhe? Vocemecê continua vivendo, e eu dou-lhe trinta escudos de cem soldos por mez. Tem tudo a ganhar vocemecê.

A velha ficava surprehendida, inquieta, mas tentada. Replicou:

—Não digo que não mas deixeme reflectir primeiro. Venha cá para a semana. Dou-lhe então a resposta.

E mestre Chicot foi-se embora contente como um rei que acaba de conquistar um imperio.

A tia Magloire ficou pensativa Não dormiu n'esse noite. Durante quantro dias teve uma febre d'hesitação. Farejava o quer que fosse de mau para ella; mas a ideia dos trinta escudos por mez, d'esse bello metal sonante que viria cahir no seu avental, como se lhe cahisse do ceu, sem ella fazer nada enchia-a de prazer.

Foi então procurar o tabellião e contou-lhe o caso. O tabellião aconselhou-a a que acceitasse a proposta de Chicot, mas que lhe pedisse cincoenta escudos de cem soldos em vez de triuta, porque a herdade valia nem mais nem menos de sessenta mil francos.

— Se vocemecê viver quinze annos, dizia o tabellião, não lhe paga ainda d'esta maneira senão quarenta e cinco mil francos.

A velhinha estremeceu a essa prespectiva de cincoenta escudos de cem soldos por mez; mas ella desconfiava, receiando mil cousas imprevistas, manhas occultas, e demorou-se até á noite a fazer perguntas, não se podendo decidir a ir-se embora. Afinal, ordenou que preparassem o contracto e voltou tonta para casa como se tivesse bebido quatro copasios de cidra novo.

Quando Chichot veio saber a resposta, ella fez-se rogada por muito tempo, declarando que não queria; mas, minada pelo medo de que elle não consentisse em dar as cincoenta moedas de cem soldos.

Finalmente, como elles insistisse, ennunciou ella as suas pretenções.

Elle teve um sobresalto de desapontamento e recusou.

Então, para o convencer, ella poz-se a raciocinar ácerca da duração provavel da sua vida.

— Não vivo com certeza mais de cinco ou seis annos. Vou para os setenta e tres, e não tanho lá muita saude. No outro dia, julguei até que ia passar d'esta para melhor, estive quasi a ir metter-me na cama.

Mas Chicot não se deixava apanhar.

— Ora adeus, vocemecê é rija como o sino da igreja. Ha-de viver pelo menos até aos cento e doze annos. E ainda me ha-de enterrar, olá!

Gastou-se o dia em discussões. Mas como a velha não cedeu, o estalajadeiro, finalmente, consetiu em dar os cincoenta escudos.

Assignaram o contracto no dia seguinte. E o tia Magloire exigiu dez escudos de luvas.

Decorreram tres annos. A boa mulher continuava gosando optima saude. Parecia não ter envelhecido um dia só, e Chicot desesperava-se. Parecia-lhe a elle que já pagava a renda ha mais de meio seculo, que estava enganado, arruinado. Ia de vez em quando visitar a velha, como quem vae em julho, aos campos, vêr se os trigos já estão bons para serem ceifados. Ella recebia-o com malicia no olhar. Dir-se-ia que se felicitava pela boa partida que lhe pregara, e Chicot voltava para o seu tilbury murmurando:

— Tu não arrebentarás, minha carcassa!

O homemsinho não sabia o que fazer. Tinha vontade de a estrangulhar. Odiava-a com um odio feroz, velhaco, com um odio de camponez roubado.

Procurou então meios.

Um dia finalmente foi visital-a esfregando as mãos como o ia fazendo na primeira vez, quando-lhe fôra propôr a transação.

E, depois de ter conversado alguns minutos:

— Olhe lá, tia Magloire, porque não vai jantar a minha casa, quando passa em Eprevillehe. Já se rosna a esse respeito; diz-se que nós não somos amigos e isso apoquenta-me. Vocemecê sabe que em minha casa não paga nada. Não me faz differença um jantar. Sempre que lhe apetecer vá sem ceremonia que me dá muito prazer.

A tia Magloiro não se fez rogada, e no dia seguinte, como ia ao mercado na sua carroça, guiada pelo seu creado Colestino, metteu o cavallo na cavallariça do mestre Chicot, reclamou o seu jantar promettido.

O estalajadeiro, radiante, tratou-a como uma fidalga, serviu-lhe gallinha, chouriço de sangue, linguiça, carneiro e toucinho com couves.

Mas ella não comeu quasi nada, porque comia pouco desde creança, e vivera sempre d'umas sopas e d'uma fatia de pão com manteiga.

Chicot insistia desapontado. Ella não bebia. Recusou tomar café.

Chicot perguntou:

— Não deixa de acceitar um copinho de licor?

— Ah! lá a isso, não digo que não.

E elle gritou com toda a força dos seus pulmões.

— Rosalia, traz do fino, do superfino, do superior.

E a creada appareceu, trazendo uma garrafa ornada com uma parra em papel. Encheu dois copinhos.

— Prove, tiasinha, é uma delicia.

E a boa mulher poz-se a beber devagarinho, aos golinhes, fazendo durar o prazer. Quando despejou o copo, escorreu-o, e depois declarou:

— Sim, senhor, é do fino.

Ainda não tinha acabado de fallar o mestre Chicot deitava-lhe já outro copo. Ella quiz recusal-o, mas era tarde e saboreou-o lentamente como ao primeiro.

Quiz elle então fazer-lhe acceitar outro, mas ella resistiu. Elle insistia:

— Ora, isto é agua, não faz mal; eu cá bebo dez a doze e fico na mesma. Bebe-se como agua. Não faz mal nem á barriga nem á cabeça; parece que se evapora na lingua. Não ha nada melhor para a saude!

Como estava com vontade, a velha cedeu, mas bebeu só metade do copo.

Então Chicot, n'um impeto de generosidade, exclamou:

— Olhe, já que vocemecê gosta vou-lhe dar um pipo d'elle, para lhe mostrar que somos sempre amigos.

A boa mulher não disse que não e foi-se embora um pouco alegre.

No dia seguinte, o estalajadeiro entrou no pateo da tia Magloire, depois tirou do fundo da sua carruagem um pipo cintado de ferro. Depois quiz dar-lhe a prevar o conteúdo para que ella visse que era do mesmo; e, quando cada um bebeu os seus tres copos, Chicot exlcamou ao ir-se embora:

— E olhe, quando *se acabar* eu mando-lhe mais, não se envergonhe que não olho a isso. Quanto mais depressa elle se acabar, mais satisfeito eu ficarei.

E tornou para o carro.

Voltou quatro dias depois. A velha estava diante da porta, entretida a partir pão para sopas.

Chicot approximou-se, deu-lhe os bons dias, fallou-lhe ao pé da cara, pretexto para lhe sentir o halito. E reconheceu uma baforada de alcool.

Então o rosto illuminou-se-lhe.

— Dá-me um copito do fino? disse elle.

E beberam duas ou tres vezes.

Mas correu dentro em pouco no sitio que a tia Magloire se embebedava sosinha. Encontravam-na estendida de bebeda ora na cosinha, ora no pateo, ora nas estradas dos arredores, e tinha que se acarretar com ella para casa, inerte como um cadaver.

Chicot já não ia a casa d'ella, e, quando se lhe fallava da camponia, murmurava com cara triste:

— Ha lá nada mais desgraçado do que ter aquelle habito n'aquella idade? Vê, quando se é velho, não se tem recurso algum. Vem a acabar mal.

E acabou mal effectivamente. Morreu no inverno seguinte, pelo Natal, depois de ter cahido bebeda, na neve. E o mestre Chicot herdou as terras

— Que tal está a menina, se não se apaixona pelo licor, era capaz de viver ainda dez annos.

Guy de Maupassant.

ACOMPANHANDO O MORTO

Que Arriate não era um medico como os outros provou-o elle mais uma vez, acompanhando o enterro de Julião. Nenhum medico assiste ao enterro dos seus ex-doentes.

Arriate entrou no meu carro, correu as vidraças porque fazia frio, accendeu um cigarro e disse-me:

— Imagina você que o Julião morreu de uma tysica?

— Sim.

— Em parte, em parte... Julião morreu de verhonha....

Morrer de vergonha n'um tempo em que isto é doença cada vez mais rara. pareceu-me verdadeiramente extraordinario.

— Quando hontem cheguei ao tempo em que Julião dava os ultimos suspiros,—continuou o Arriate,—elle agarrou-me na mão, como o naufrago se agarra á primeira cousa que encontra a boiar no mar largo.

Já me constava que Julião tinha uma idolatria, outra doença além da tysica, uma obsessão que o perseguia com incomparavel tenacidade: Julião jogava.

— Jogava.

— Como um desesperado, todos os dias, sem tregoas, com a constancia energica de uma ideia fixa, Julião tinha jogado tudo: o seu dinheiro, a sua casa, as suas roupas, tudo, menos a honra.

— E' triste, isso.

— Mas é ainda mais triste ter jogado Julião hontem á noute o que ainda lhe restava.

— Como, Arriate!

— Jogou a histororia limpa da sua vida—a mulher.

Encarei Arriate.

— Disse-m'o elle, meu amigo, com uma franqueza brutal e uma dôr que me fez frio, como estas cousas se dizem entre as angustias do começo da grande viajem, para allivio d'um enorme peso. Pelo que se vê, é aterrador o alivio de tudo o que faz peso.

Dentro do carro cheio de fumo eu via Arriate atravez d'uma nuvem, e a sua physionomia dura causava-me um mau effeito.

— Julião, esteve ante-hontem, como sempre, no *Azar-Club*,—continuou Arriate,—e, como sempre tambem, jogou até muito tarde. Toda a noute lhe falhou a sorte; numeros contrarios sahiam-lhe com uma tenacidade heroica. Perdeu quanto levava, jogou o que ainda lhe restava sob palavra, e por ultimo, desesperado por aquella lucta com a má fortuna, irritado com os desdens da sorte, jogou a mulher.

No *Azar-Club* ha gente de toda a casta e consciencias de todas as bitolas. No segredo das pequenas salas de jogo dão-se grandes enormidades, por que a maior parte d'ellas não teem cotação em mercado algum; mas a formosura d'uma mulher tem-n'a. Julião pôz tambem sobre o tapete esse valor e perdeu-o.

—Mas isso é uma atrocidade!

—Julião morreu, pensando isso mesmo, mas fél-o. Sahiu do *Azar-Club* depois de um vomito de sangue que alli mesmo o acommetteu e chegou a casa esvaido de cansaço, de dôr e de raiva.

A mulher sentiu isso mesmo, levantou-se e ajudou-o a deitar-se. Pensou que elle ia embriagado, cousa que nunca lhe tinha succedido, pois que elle se encostava aos moveis; mas Julião ia realmente morto. E quando a mulher, aterrada pelo vêr n'aquelle estado, me mandou chamar, vi-o, quando cheguei, a chorar de encontro ao peito d'ella como uma creança, ou melhor, como um homem que era, com um surdo desespero. N'um momento em que consegui que a pobre senhora se retirasse, contou-me tudo, aquelle desgraçado, muito depressa, com a ancia de não morrer sem m'o dizer primeiro.

Não teve animo para me encarar de frente nem eu para lhe responder qualquer coisa; tapou a cara com o lençol e morreu, sem que ninguem désse fé, nem eu mesmo!

Quando a mulher voltou e assim a vi afflicta e formosissima, senti como que uns desejos de profanação, com aquelle cadaver alli, a que ella se abraçava.

Arriate disse isto serenamente, sem a menor alteração, e abriu a portinhola. Tinhamos chegado.

Seguimos a pé atraz do morto, em fila, por uma pequena vereda secca, ladeada pela lama, e depois dos responsos na capella paramos em frente ao jazigo.

Antes do feretro se occultar definitivamente á luz, uns tres ou quatro olhamos pelo vidro collocado sobre a cabeça.

Apesar da affirmação de Arriate, não parecia vergonha o que dava expressão á physionomia do morto; era mais uma vissagem de tristeza e pena mas tão energicamente impressa, que eu não pude esquecel-o, e talvez que o não esqueça nunca...

Frederico Urrecha.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 8

Concessão de differentes mercês honorificas.

Conta do thesouro referida a agosto de 1888.

Despachos de varios empregados para as alfandegas.

Relação geral dos funccionarios que constituem o corpo de engenheiros de obras publicas, e quadros auxiliares de architectos, conductores e desenhadores.

Diario de 9

Despachos exonerando o dr. Costa e Almeida de governador civil do Porto, e nomeando para o substituir o sr. Correia de Barros.

Despachos da direcção geral da divida publica.

Novo contracto com a Companhia das aguas de Lisboa.

Diario de 10

Decreto alterando as disposições relativas á inspecção das recrutas nas sédes das divisões militares.

Despachos de varios professores para lyceus.

Despachos das repartições do gabinete de ministro e direcção da divida publica.

63

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

Este trabalho levou algum tempo; mas os chefes sentiram-no tanto menos, que deu logar a Ulrica para executar o seu plano de diversão em seu favor, fosse elle qual fosse.

Assim que a ponte se terminou;

— É preciso não esperar mais tempo, disse o cavalleiro negro; o sol esconde-se já no occidente, e tenho negocios que me não permittem que fique mais outro dia comvosco. Além de que, é impossivel que não venha cavallaria d'York em soccorro dos sitiados, e deve-se acabar esta empreza antes que elles cheguem. Portanto vá um de vós ter com Locksley para lhe ordenar, que faça uma descarga de settas do outro lado do castello, e que caminhe para a frente como se quizera dar um assalto. Vós, bravos inglezes, segui-me ao verdadeiro ataque, e estai promptos para lançar a ponte sobre o fosso, assim que a porta secreta do nosso lado se abrir; atravessai-a atrevidamente comigo, e ajudai-me a quebrar a porta da sahida do muro principal. Aquelles d'entre vós que não gostarem d'este genero de serviço, ou que não estiverem bem armados para entrar n'elle, devem guarnecer o alto das fortificações, curvar os arcos, e dirigirem as suas flechas contra os que apparecerem sobre os parapeitos do palacio. Nobre Cedric, quereis vós tomar o commando?

— Não, pela alma d'Hereward! respondeu o saxanio; não me vanglorio em conduzir os outros: mas que a posteridade vomite contra mim maldições sobre o meu tumulo, se acaso não marchar apóz do primeiro que me mostrar o caminho. E' a minha contenda que se disputa, não me convem ficar na retaguarda.

— Mas lembrai-vos, nobre saxonio, que não tendes nem couraça, nem sáia de malha; apenas tendes um leve capacete, um pequeno escudo, e a vossa espada.

— Tanto melhor? estou mais leve para escalar estes muros. Não me quero gabar, cavalleiro, mas vereis hoje que um saxonio póde apresentar-se no combate com o peito descoberto, com tanto atrevimento como um normando revestido com o seu peito d'aço.

— Vamos pois em nome de Deus, abra-se a porta e lance-se a ponte.

A porta que conduzia da torre ao fosso, e que estava defronte d'uma porta de sahida, praticada nos muros do palacio, abriu-se então de repente, e lançou-se a ponte; mas não podia dar passagem senão a dous homens de frente. Sabendo quão importante era atacar o inimigo por surpresa, o cavalleiro negro precipitou-se logo; Cedric seguiu-o, e chegaram ambos á extremidade opposta sem accidente algum. Ali começaram a atacar com grandes golpes de machado a porta de sahida do palacio, e achavam-se ao abrigo dos dardos e das pedras dos sitiados, por cousa das taboas que formavam a antiga ponte, que Cabeça-de-Boi acabava de mandar destruir, e que tinham ficado suspensas contra o muro. Os que os seguiram sobre a ponte, não tendo o mesmo abrigo, estavam expostos aos golpes dos sitiados. Os dous primeiros cahiram no fosso atravessados com settas, e os outros entraram precipitadamente nas barreiras.

A situação do cavalleiro negro e de Cedric tornava-se bastante critica, e mais o teria sido ainda se os archeiros, que tinham ficado na torre, não tivessem constantemente atirado sobre os parapeitos do castello, occupando a attenção dos sitiados, e impedindo-os d'este modo d'acabrunhar os dous chefes com um chuveiro de pedras e flechas. O perigo não era comtudo menor para elles, e augmentava a cada momento,

Que vergonha! exclamou de Bracy dirigindo-se aos soldados qne o rodeavam, pretendeis saber lançar uma setta, soffreis que dous homens apenas sustentem o seu posto debaixo dos muros do castello! Derribai os parapeitos da fortaleza, senão podeis fazel-o d'outro modo e lançai as pedras sobre as cabeças d'elles. Depressa, alavancas e alviões, e abaixo com essa aancia, «diz elle mostrando uma enorme pedra esculpida, posta sobre o parapeito, justamente em cima da porta falsa.

N'este momento viu-se fluctuar sobre a torre do oeste a bandeira vermelha, em que Ulrica tinha fallado a Cedric.

Locksley foi o primeiro que a viu. Assim que elle soube que se dava o assalto, deixou uma parte dos seus para continuar o ataque falso, e veio com os mais bravos tomar parte no verdadeiro.

— São Jorge! exclamou elle, São Jorge e a Inglaterra! Ao assalto, archeiros! como podeis deixar este bravo cavalleiro e o nobre Cedric sós atacar *a porta do palacio!* Vamos, ermitão de Copmanhurst, prova que sabes combater tão bem como rezar o teu rozario. Avançai! bravos archeiros, avançai! O castello é nosso: temos intelligencias com o interior. Vêde aquella bandeira, é o signal convencionado, Torquilstone é nosso. Lembrai-vos da honra, lembrai-vos da presa, mais um esforço e ficaremos senhores da praça.

Acabando estas palavras, curvou o arco e atravessou com uma setta um homem d'armas que, seguindo as ordens de Bracy, tratava de desapegar do parapeito uma pedra enorme para a precipitar sobre o cavalleiro Negro e Cedric. Outro soldado tomou a alavanca das mãos do seu camarada moribundo, e continuava a obra que o primeiro tinha começado, quando outra flecha, despedida por Locksley, lha acertou e fêl-o cahir no fosso. Entre os seus camaradas amedrontados nenhum se apresentava para o substituir, pois que cada dardo arremessado por este temivel inimigo parecia trazer comsigo a morte.

— Que é isto, cobardes? exclamou de Bracy, nenhum de vós ousa avançar! dai-me uma alavanca. *Mountjoie saint Denis:*

Poz-se então elle mesmo á obra. A pedra era de grandeza sufficiente, não só para quebrar as taboas, que abrigavam Cedric e o cavalleiro, mas para quebrar a ponte que tinham lançado sobre o fosso. Todos os aggressores viam o perigo e os mais atrevidos d'entre elles, mesmo o vigoroso ermitão, não ousaram pôr o pé sobre a ponte. Locksley lançou tres flechas contra de Bracy, e todas as tres retiniram, e se embotaram na sua armadura impenetravel.

— Os diabos levem a tua sáia de malha de Hespanha, exclamou elle irritado; se tivera sido forjada por um armeiro inglez, as flechas têl-a-hiam atravessado como se fôra seda, ou panno de linho. E pôz-se a gritar com toda a força: camaradas! retirem-se! vai cahir sobre vós uma pedra enorme!

A sua voz não foi ouvida: os golges redobrados, que batiam sobre a porta o cavalleiro e o seu companheiro, teriam bastado para a cobrir. Então o fiel Gurth precipitou-se sobre a ponte, para ir, com risco da sua vida, prevenir seu amo do perigo que corria; mas tarde teria chegado se a voz do templario, que distrahiu a attenção do cavalleiro, que empurrava a pedra para diante com esforços repetidos, tendo-a já posto a ponto de cahir.

— Tudo está perdido, disse o senhor de Bracy, está o palacio em fogo.

— Em fogo! Estais doudo?

— Dentro de dous minutos vereis as chammas elevarem-se por cima da torre do este.: debalde procurei apagal-as.

Brian de Bois-Guilbert communicou em poucas palavras ao seu companheiro os detalhes d'esta medonha noticia, com o sangue frio que formava a base do seu caracter; mas o senhor de Bracy não a ouviu com o mesmo socego.

— Com todos os santos do paraizo! bradou elle, que nos resta a fazer? Eu prometto a S. Nicolau de Limoges um candieiro do ouro mais puro se...

— Guarda as tuas promessas. e escuta-me, disse o templario: reune todos os teus homens d'armas, e farcis uma sortida pela porta falsa; só o infernal cavalleiro e um dos seus companheiros passaram a ponte, precipita-os no fosso e ataca a torre; eu, á testa do resto da guarnição, vou sahir pela porta principal a atacal-o do outro lado. Se podermos tornar a ganhar este ponto, persuado-me que nos poderemos manter n'elle até que nos chegue soccorro, ou ao menos alcançaremos boa capitulação.

— Approvo a vossa ideia, respondeu o senhor de Bracy, desempenharei o que me destinais; porém vós, templario, desempenhareis o vosso dever?

— Pela fé de cavalleiro! mas, pelo céu! não percais um instante.

O senhor de Bracy reuniu toda a sua gente, correu á porta falsa, mas não teve necessidade de fazer abrir a porta; no mesmo instante em que chegava cedia ella aos repetidos golpes dos dous guerreiros, que atacaram vigorosamente os primeiros que se apresentaram, e o cavalleiro negro fez morder a terra a dous d'elles. Os outros recuaram apesar dos esforços que fez o senhor de Bracy para os reter.

— Cobardes, lhes chamou elle, tolerais que dous homens nos fechem a unica via de salvação que nos resta?

— Não é um homem, disse um soldado velho que tratava de aparar os golpes que lhe dirigia o cavalleiro negro, é um diabo.

— E quando fosse o diabo dever-se-hia fugir diante d'elle para cahir no inferno? O palacio está ardendo, miseraveis; o desespero vos dê coragem, ou antes abri-me logar, quero medir-me com esse temivel antagonista.

O senhor de Bracy sustentou n'este encontro a reputação que tinha adquirido nas guerras civis d'esta época: o corredor de abobada, que conduzia até á porta falsa, retinia com os golpes que davam um no outro os dous campeões que combatiam corpo a corpo, o senhor de Bracy com a sua espada, e o seu adversario com a sua pesada archa de armas. Em fim, o cavalleiro normando recebeu um golpe, cuja violencia foi amortecida em parte pelo seu escudo, mas que lhe deu no capacete com tanta violencia, que cahiu por terra.

— Rende-te, senhor de Bracy, disse o cavalleiro negro, inclinando-se elle, e levando ao falso da sua couraça o punhal, com que os cavalleiros davam o derradeiro golpe aos seus inimos, e que se chamava *le poignard de merci*; rende-te, Mauricio de Bracy; soccorrido ou não, estás morto.

— Diz-me como te chamas, ou dispõe da minha vida; não se dirá que Mauricio de Bracy se rendeu a um desconhecido.

O cavalleiro negro disse algumas palavras ao ouvido do vencido.

— Rendo-me, sou vosso prisioneiro, soccorrido, ou não, lhe respondeu o senhor de Bracy, mudando o tom de soberba n'outro de submissão respeitosa.

— Ide para a torre, disse o vencedor com autoridade, e esperai lá as minhas ordens.

— Permitti-me primeiramente que vos diga o que vos interessa saber, bradou o senhor de Bracy, Wilfred d'Ivanhoé está aqui ferido e prisioneiro, e morrerá nas chammas do palacio se não se apressarem em soccorrel-o,

(Continua.)

CORREIO DE LISBOA

Como faltam os correios do sul não recebemos hoje carta do nosso correspondente. Tivemol-a hontem com data d'ante-hontem, e é essa a que damos em seguida. Nem ha razão para esperar, que antes da hora do nosso jornal entrar no prelo cheguem noticias e por isso vae publicar-se com as que temos.

LISBOA 12 DE NOVEMBRO DE 1888.

Verificou-se effectivamente a sahida do sr. visconde de S. Januario, dos conselhos da corôa. A sua sahida porém não o deixa em desaccordo com os seus collegas. O illustre homem politico, que collaborou na reforma militar do ministerio Fontes, em que vingou o principio da elevação do effectivo do exercito a 30:000 homens, não quiz, quando ministro, deixar de sustentar essa disposição; e como isso exigisse um accrescentamento enorme de despeza, despeza que aggravaria muito as condições do thesouro; s. ex.ª entendeu que devia deixar o seu logar, não contrariando assim o que, como membro d'uma commissão, havia votado. Procedem assim os homens de bom caracter, como o do illustre ex-ministro, cujas aptidões e cujo patriotismo são bem conhecidos em todo o paiz. S. ex.ª porém vae ser empregado em outra commissão de serviço publico de alta importancia. E' positivo.

Para o seu logar entra o sr. José Joaquim de Castro, militar distincto, caracter respeitavel em todo o sentido. O exercito conhece-o e respeita-o porque confia na sua intelligencia e na sua probidade provadissimas. S. ex.ª depois de uma larga conferencia com o sr. presidente do conselho, tomou conta da pasta, que ha de, pela segunda vez, gerir com lustre para o exercito, e com proveito para o paiz.

— As noticias que chegam de toda a parte, as que nos veem pelo telegrapho, porque as vias postaes estão todas interrompidas, são de que as linhas ferreas estão todas tomadas por alagamentos, por destruição de viaductos, por desmoronamentos de barreiras—por grandes estragos em fim. As linhas telegraphicas mesmo teem soffrido por toda a parte, mas como os reparos n'esta ordem de serviços são mais faceis de reparar, é por esse meio que se sabe alguma cousa—por esse e só por esse. Não ha exemplo de um temporal assim. Ha grandes prejuizos em todo o paiz, estragos na viação publica, estragos nas propriedades particulares tanto em predios urbanos como em predios rusticos, e o que é muito mau—tambem nas sementeiras feitas, principalmente nas do Riba-Tejo, nas dos terrenos que bordam os rios, etc. De desgraças pessoaes, de victimas, é que a lista por em quanto é limitada, o que ainda assim é um grande bem que a Deus devemos agradecer.

— Deu entrada na capital o sr. Barjona de Freitas, chefe da denominada esquerda dynastica. Os seus amigos receberam-o com estrondo—*preciso para as circumstancias* em que se encontram. Os outros grupos—serpaceo e porto franco—não viram com bons olhos a recepção feita ao sr. Barjona de Freitas, e tanto que procuram, tanto quanto pódem, depreciarl-a, reduzil-a—amesquinhal-a. O que de tudo isto se deprehende é que o antigo grupo regenerador está, além de perfeitamente dissolvido, em condições de esphacelamento difficil de tirar de tudo aquillo um partido viavel sequer.

— Espera-se aqui ha dias o illustre deputado por Coimbra, sr. Castro Mattoso. Consta por telegrammas recebidos, que s. ex.ª está na sua casa da Oliveirinha, detido pela falta de serviço das linhas férreas que não dão passagem a viação pessoal.

— Como disse já, o sr. Fernando Palha pediu, na sessão da camara, a sua exoneração de presidente do municipio de Lisboa. Respeitam todos profundamente os motivos puramente particulares, que obrigaram este nosso amigo a uma resolução, que affectará sem duvida a gerencia da camara municipal, tanto mais que, em sessão secreta, que se realisou ainda no sabbado, toda a commissão executiva resolveu acompanhar o seu presidente, e na sessão de hoje apresentará a sua demissão collectiva, em que será acompanhada por alguns vereadores. Espera-se ainda ver revogada esta resolução do sr. Fernando Palha, tanto mais que a este cavalheiro e aos seus actuaes collegas se devem os principaes melhoramentos que disfructamos e viremos a gosar, o augmento das receitas municipaes e a extincção das antigas dividas da anterior municipalidade.

— Quando hontem escreviamos sobre dois tristes casos de suicidio, que commoveram todos os que d'elles tiveram noticia, mal pensavamos nós que poucas horas depois se repetiria um d'estes casos de loucura. Este anno, e principalmente esta epoca, fica sem duvida assignalado na historia pelo numero elevado de tentativas contra a existencia. Hontem, ás 8 e meia da noite, o soldado n.º 169 do 1.º batalhão da guarda fiscal e o policia n.º 108 da 1.ª divisão de serviço no Caes do Sodré, viram correr uma mulher e precipitar-se ao rio, d'onde com bastante custo conseguiram salval-a. Esta desgraçada é Joaquina de Jesus, cigarreira, de 34 annos, e ha annos entretinha relações intimas com um mestre de serralheria. Este é casado, o que a desgraçada ignorou por muito tempo, mas sabendo-o hontem, quiz separar-se do amante, o que este não consentiu, fazendo-lhe as mais tentadoras propostas, que Joaquina não acceitou, porque, diz ella, não queria que por sua causa ficassem desgraçadas a mulher e a filha do seu companheiro, e que este se propunha a abandonar. Nada conseguindo que o seu amante a deixasse, precipitou-se ao rio, d'onde foi salva e conduzida ao hospital de S. José, sendo o seu estado relativamente satisfactorio. A pobre mulher, que está na cama n.º 37 da enfermaria de Santa Izabel, diz que não torna para a companhia do serralheiro, e que se ha-de suicidar. Por mais tentativas que empregassemos para a dissuadir quando a fomos vêr ao hospital, persiste insistentemente n'esta resolução. Seria bom que as auctoridades a vigiem para não termos a lamentar de aqui a pouco mais alguma victima.

— Em consequencia das violentas tempestades, que estes ultimos dias teem devastado a peninsula, as communicações de algumas linhas telegraphicas estão interrompidas, trabalhando outras irregularmente. O serviço entre o Porto e Lisboa tem sido recebido em Coimbra e d'aqui transmittido para a capital por não ser possivel funccionarem directamente as linhas. O serviço para Madrid tem soffrido bastante demora e os cabos submarinos, segundo participou a companhia, tambem funccionam irregularmente, estando interrompidas as communicações entre Lisboa, Vigo e Portheurno.

— Chegou a Lisboa o nosso amigo o sr. conde de Castello de Paiva.

— O principe real vae offerecer um jantar no paço de Belem aos officiaes de lanceiros n.º 2, do qual sua alteza é coronel honorario.

— Dizem do Porto que o *Jornal da Manhã* vae dar ás suas secções politicas uma orientação mais democratica, inscrevendo-se entre os lidadores das hostes progressistas e prestando o seu apoio á actual situação. Se assim é bem vindo seja o novo campeão.

— Vão ser conferidas as commendas de Christo aos distinctos medicos da casa real os srs. Oliveira Feijão e Barros da Fonseca.

— A favor da viuva e filhos do pobre Domingos, assassinado pelo cunhado ha dias em pleno dia, na rua Augusta, abriu-se aqui uma subscripção publica, que póde ser concorrida.

— Verificaram-se os seguintes despachos administrativos:

Decretada a expropriação por utilidade publica de diversas parcellas de terreno para a abertura de uma rua entre o largo do Carmo da cidade de Guimarães e a estrada real n.º 27, a requerimento da respectiva camara municipal.

Decretada a dissolução da junta de parochia da freguez a de Lanhezes, concelho de Vianna do Castello, por falta de cumprimento dos preceitos orçamentaes do corrente anno.

Decretada a determinação dos limites das freguezias de Cativellos e Arcozello, concelho de Gouveia, na parte que diz respeito ao Monte-Aljão, que demora entre as duas freguezias.

Decretada a desannexação da freguezia de Lazarim, concelho de Tarouca, por haverem cessado os motivos que determinaram a sua annexação em 1849.

Augusto de Sá Osorio e Mello, exonerado de administrador substituto do concelho de Celorico da Beira.

Bacharel Bernardino de Mesquita do Couto Zagallo, exonerado de administrador do concelho de Tabuaço, por ter sido nomeado juiz municipal do julgado d'Obidos.

Presbytero João Vieira Amado, nomeado para o logar de terceiro capellão da real Egreja de Santa Quiteria de Meca.

— Fizeram-se os seguintes despachos do ultramar:

Bacharel Antonio de Mello Varejão, juiz da relação de Loanda, aposentado com o ordenado annual de 1:200$000 réis.

Bachareis João Vicente Roque Cupertino de Andrade e Antonio Joaquim da Assumpção e Sousa, delegado das comarcas de S. Thomé e de Tete, transferidos reciprocamente d'um para outro logar.

Antonio Biker, exonerado, pelo pedir, do logar de escrivão da camara municipal de Loanda.

João Carvalhaes de Vasconcellos, confirmado no logar de aspirante da alfandega de Benguella.

— O novo presidente eleito dos Estados-Unidos, o general Benjamin Harrison, nasceu em Ohio em 1833. O seu avô paterno foi o nono presidente dos Estados-Unidos, mas falleceu um mez depois de installado na Casa Branca. O neto é legista de profissão, mas serviu na guerra com o posto de coronel, e em 1865 alcançou o posto de brigadeiro-general. Depois foi eleito governador da Indiana, e este Estado escolheu-o para senador em 1881. O general Harrison é um jurisconsulto distincto e um parlamentar de primeira plana. Tem uma singularidade, que os biographos dizem ser a sua *caracteristica*. Detesta os apertos de mão. Não póde tolerar essa fórma de cumprimento, e tanto que se espera que se excluirá das recepções da Casa Branca, em que o presidente costuma trocar *shakekands* com toda a gente que se lhe apresenta. E a dizer a verdade, Mr. Harrison tem razão—principalmente no estio, quando as mãos andam pegajosas!

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

LICOR TONICO-DIGESTIVO

PREPARADO SEGUNDO A FORMULA DO

DR. R. MENDONÇA

PELO PHARMACEUTICO

MIGUEL M. P. D. SANTIAGO

ESTE MEDICAMENTO já muito experimentado, é um preciso digestivo, quer seja tomado meia hora antes das refeições, para estimular o appetite quer durante ou depois d'ellas, no caso de difficuldade na digestão. Seus effeitos são egualmente notaveis na convalescença das molestias graves, bem como em todas as doenças em que é principalmente necessario levantar as forças deprimidas do organismo.

Póde afoitamente dizer-se que, nos casos indicados, este medicamento

NÃO TEM RIVAL

A' venda em todas as principaes pharmacias do paiz.
Depositos—Em Lisboa—A. F. A. Azevedo, filhos.
Porto—Pharmacia Gomes, rua das Flores.
Coimbra—Pharmacia Ferraz.
Aveiro—Pharmacia Ribeiro.
Lamego—M. O. Barros.
Braga—Pharmacia do hospital de S. Marcos.
Beja—J. Fonseca.
Barcellos—A. Cruz.
Abrantes—M. O. Netto, etc. etc.,

DEPOSITO GERAL
PHAMACIA—SANTIAGO—VAGOS

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.
As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

FERRO DE QUEVENNE

É o ferro no estado **puro** e, desde 50 annos, reconhecido pelos Medicos do Mundo inteiro, o mais poderoso dos ferruginosos para curar: **ANEMIA, POBREZA do SANGUE, PERDAS BRANCAS, DORES de ESTOMAGO**, etc... Eis porque é uma das raras preparações approvadas pela

ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS.

DESCONFIE-SE

das IMITAÇÕES e FALSIFICAÇÕES impuras, inactivas, desleaes, vendidas barato.
EXIGIR, ALEM DA ASSIGNATURA DE *Quevenne*, O SELLO DA *"Union des Fabricants."*
Vende-se: 1º em *Pó*; 2º em *Grageas*.

Deposito Geral do Verdadeiro **FERRO de QUEVENNE**
(transferido desde o dia 2 de fevereiro de 1888): 8, Rue du Conservatoire, **PARIS.**

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO Dr FRANCK

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos
Contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaquecas, Vertigens, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.*
Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes
Em PARIZ, Pharmacia **LEROY**. — Depositos em todas as principaes Phᵃˢ.

INJECTION BROU

Hygienica, infallivel e preservativa, a unica que cura, sem nada juntar-lhe, os corrimentos antigos ou recentes.
Encontra-se nas principaes Pharmacias do Universo, em Paris, em casa de J. FERRÉ, Pharmaceutico, Rua Richelieu, 102, Successor de M. BROU.

E APROVEITAR

CASA LEÃO D'OURO

121, Rua Ferreira Borges, 127

COIMBRA

CAPAS E BATINAS DE PANO PRETO

A 9$000!!!

O proprietario d'esta bem conhecida casa incumbe-se de as mandar fazer por aquelle preço e d'ahi para cima, para o que recebeu um magnifico sortimento de panos pretos.

Continua a responsabilisar-se pelo seu bom acabamento.

MOLESTIAS SECRETAS

CAPSULAS RAQUIN

Unicas capsulas de gluten **com copahiba**, approvadas pela Academia de Medicina de Pariz.
Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas sós ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.
A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas
EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES
Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a ***assignatura* de *Raquin*** e o **sello official** (em azul) do ***governo francez.***
DEPOSITOS: **FUMOUZE-ALBESPEYRES**, *78, Faubourg Saint-Denis*, PARIZ, e em todas as boas pharmacias do extrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibato de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a **INJECÇÃO RAQUIN**, complemento de todo tratamento

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este generos já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

Largo da Cadeia

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & P.ᵒˢ, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um unico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravida, e amas de leite, pessoas idosas, creanças anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias do Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vilho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachi hasé um excellente *lunche* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

As pessoas que conhecem as **PILULAS** DO DOUTOR **DEHAUT**, DE PARIS

não hesitam em purgar-se quando precisão Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.
5 fr. e 2 fr. 50

DOENÇAS DO **ESTOMAGO**

PASTILHAS e PÓS PATERSON

(Bismuth e Magnesia)

Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularizam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.
PASTILHAS: 600 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.
Exigir em o rotulo o sello official do Governo francese e a firma J. FAYARD.
Adh DETHAN, Pharmaceutico em **PARIS**

PILULAS DE BLANCARD

DE **IODURETO de FERRO INALTERAVEL**

NOVA-YORK — *Approvadas pela Academia de Medicina de Paris, Adoptadas pelo Formulario official francez, Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo* — PARIS
1853 — 1855

Estas pilulas, em que achão-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorosis** (*pallidez das meninas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos* ou *fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla* ou *difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reactiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui juncto. *Blancard*

Pharmacᵒ em Paris, rue Bonaparte, 40
DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

CARNE, FERRO e QUINA

O mais fortificante dos **Alimentos** alliado aos **Tonicos** mais reparadores.

VINHO FERRUGINOSO AROUD

EXTRAHIDO DE TODOS OS PRINCIPIOS SOLUVEIS DA **CARNE**

CARNE, FERRO e QUINA! Dez annos de exito constante e as affirmações das mais altas summidades da sciencia medica, provam que a associação da **Carne**, do **Ferro** e da **Quina**, constitue o mais energico reparador ate hoje conhecido para curar: a *Chlorose*, a *Anemia*, a *Menstruação dolorosa*, a *Pobreza* e a *Alteração do sangue*, o *Rachitismo*, as *Affecções escrofulosas* e *escorbuticas*, etc. O **Vinho Ferruginoso Aroud** é, com effeito, o unico que reune tudo que tonifica e fortifica os orgãos, regularisa e augmenta consideravelmente as forças ou restitue o *Vigor* e puresa do sangue empobrecido, a *Cor* e a *Energia vital*.

Venda por grosso, em Paris, na Pharmᶜ de J. FERRÉ, r Richelieu, 102 Successor de AROUD
ESTA IGUALMENTE A VENDA EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS DO EXTRANGEIRO.

EXIGIR o nome e a assignatura AROUD

200,000 Doentes curados de **DEFLUXOS, TOSSE, INSOMNIA, CRISES NERVOSAS** PELO **XAROPE do Dr FORGET**
Em todas as Pharmacias do Universo
Exija-se o endereço ao lado

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de **GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc.** PELO **CITRATO DE FERRO CHABLE**
Em todas as boas Pharmacias
Exija-se o endereço ao lado

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCCÃO DE CALDEIRAS

LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macnas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e oendese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

HISTORIA

DO

MUNICIPALISMO EM PORTUGAL

Estão publicados e acham-se em distribuição os primeiros fasciculos d'esta importante obra, que é a verdadeira historia nacional, porque assignala a parte que tiveram na constituição do estado os homens bons dos municipios, que collaboraram de maneira importante na grande operação da independencia, auxiliando as conquistas dos primeiros monarchas, as luctas em defeza da autonomia durante a segunda e quarta dynastia, as descobertas e navegações dos seculos XV e XVI, e que tanto padeceram sob o dominio e invasões estrangeiras.

Collaboram n'este trabalho monumental escriptores distinctos, o que ainda lhe augmenta a importannia.

A parte narrativa é reforçada com a transcripção de documentos, como os foraes, que são publicados na integra, na linguagem primitiva acompanhada da traducção, cartas régias, e provisões e outros, desentranhados do pó dos archives, alguns dos quaes veem a luz publica pela prim ira vez.

N preço é relativamente modicissimo porque mediante o dispendio de 1$500 reis por anno, o assignante recebe 50 fasciculos de 16 paginas cada um, equivalente a um grosso volume de 800 paginas.

Recebem-se assignaturas na séde da *Bibliotheca historico-portugueza*—Lisboa rua de S. Bento 260—onde devem ser dirigidas todas as requisições. Quem se responsabilisar por 5 assignaturas tem direito a um exemplar gratis ou 20 p. c. das quantias cobradas. A obra depois de publicada augmentará de preço.

EDIÇÃO PORTATIL

DO

CODIGO COMMERCIAL

Approvado por Carta de lei de 28 de junho de 1888—Sem repertorio alphabetico nem relatorio.

Preço, brochado, 100 reis; encadernado, 180 reis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á Livraria—Cruz Coutinho—Editora, Rua dos Caldeireiros 18 e 20—Porto.

CODIGO ADMINISTRATIVO

Approvado por Decreto de 27 de julho de 1886. Precedido do respectivo relatorio e com um appendice, contendo toda a legislação relativa ao mesmo codigo, publicada até hojo, incluindo os regulamentos para o serviço dos expostos e abandonados, e a arrecadação dos impostos directos e indirectos municipaes e parochiaes, e a tabella dos emolumentos do Supremo Tribunal Administrativo e seguido de um reportorio alphabetico.

Quinta edição. Preço, brochado, 300; encadernado, 460 reis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á Livraria—Cruz Coutinho—Editora, Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—PORTO.

MARROCOS E CONSTANTINOPOLA

Descripções de viagem por Edmungo de Amicis.—Obras esplendidamente illustradas com cerca de quatrocentas gravuras por E. Ussi e C. Biséo.

Traducção portugueza de

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

Distribuição semanal.—Cada uma das obras constará de um volume, tendo as duas 65 fasciculos approximadamente. Publica-se aos fasciculos de 12 paginas e competentes gravuras resguardadas por uma capa.

Preço de cada fasciculo em Lisboa e Porto 100 reis, pagos no acto da entrega. Nas demais terras das provincias, pagamento adeantado por series de dois, tres, ou mais fasciculos. Pedidos de assignaturas ou requisição de prospectos, em Lisboa, á casa editora David Corazzi, 40 a 52, Rua da Atalaya, e ás livrarias.—No Porto, á filial da casa, Praça de D. Pedro, 127, 1.º e nas principaes livrarias.

COLLECÇÃO DOS ACCORDÃOS

DO

SUPREMO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO

Proferidos sobre a materia contenciosa desdes a sua organisação (9 de julho de 1870) até 31 de dezembro de 1883, copiados na integra da Legislação Official e coordenados alphabeticamente

POR

Miguel da Costa Trindade

Amanuense do Governo Civil de Leiria

Estão publicados 3 volumes que conteem e Decreto de 9 de junho de 1870 pelo qua foi separado o Conselho d'Estado Politico do Conselho d'Estado Administrativo, ficando este a denominar-se Supremo Tribunal Administrativo; o relatorio apresentado pelos ministros e secretarios d'Estado que motivou aquelle Decreto; e todas as resoluções proferidas sobre;—Accordãos—Acções—Actas—Açudes—Aforamentos—Alcances—Alheação—Alfandegas—Alinhamentos—Arrematações—Arvores—Assembleias—Audiencias—Baldios—Boticarios—Brazões—Camaras Capellas—Carnes (fornecimentos)—Celleiros communs—Cemiterios—Companhias—Compascuo—Conflictos—Contas—Contractos—e Contribuição industrial.

A parte que respeita á contribuição industrial é sem duvida uma das, mais importantes d'esta collecção por que n ella se acham resolvidas as muitas e differentes interpretações a que dão logar as leis e regulamentos respectivos, não só sobre o lançamento d'esta contribuição, como sobre a formação de matrizes, classificação das industrias, mudança de umas classes para outras, ommissão de inscripção, organisação e attribuições dos gremios, attribuições das camaras municipaes, juntas dos repartidores, escrivães de fazenda, tribunaes e funccionarios superiores; maneira de interpôr os recursos ordinarios e extraordinarios, informações colhidas, validade de attestados e declarações, provas, prasos, annullações e muitos outros incidentes que se dão n'este ramo de serviço publico e que occasionam a infenidade de acclamações e recursos que constantemente sobem ás instancias superiores, interpostos por contribuintes ou pelos funccionarios que a isso são obrigados por lei.

Não obstante os accordãos se acharem coordenados alphabeticamente de fórma que de prompto se encontram todas as resoluções que tenham sido proferidas em recursos sobre certo e determinado assumpto, ainda cada volume é precedido de um desenvolvido indice alphabetico não só dos negocios de que trata cada uma das resoluções, tambem das doutrinas expendidas nos respectivos considerandos.

Preço dos 3 volumes 2$150 reis, franco de porte.

A' venda: na redacção do *Districto de Leiria*, Leiria; no Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron; Lisboa, livraria do sr. Joaquim José Bordallo, travessa da Victoria; e em outras das principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

NINHOS E OVOS

POR

EDUARDO SEQUEIRA

Com 28 gravuras e 16 planchas coloridas, representando 86 variedades d'ovos

Um volume brochado, 1$000 reis; pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou valles do correio, á livraria—Cruz Coutinho, editor. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—Porto.

AS IRMÃS DA CARIDADE

POR

H. C.

Acaba de publicar-se este folheto, que se vende na Administração d'este jornal.

Preço........ 100 reis

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO